

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

JENIFFER DE CARVALHO JUNCAL

**LITERATURA INFANTIL E INFANTOJUVENIL NA COMARCA PAMPIANA, UMA
APROXIMAÇÃO**

**Jaguarão
2018**

JENIFFER DE CARVALHO JUNCAL

**LITERATURA INFANTIL E INFANTOJUVENIL NA COMARCA PAMPIANA, UMA
APROXIMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras da
Universidade Federal do Pampa, como
requisito parcial para obtenção do Título
de Licenciada em Letras Português,
Espanhol e respectivas literaturas.
Orientador: Prof^a Dr^a Cátia Dias Goulart.

**Jaguarão
2018**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

J95- JUNCAL, Jeniffer de Carvalho
Literatura infanto-juvenil na Comarca Pampiana, uma aproximação/
Jeniffer de Carvalho Juncal. 54p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)– Universidade Federal do Pampa, LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/ESPAÑHOL E RESPECTIVAS LITERATURAS, 2018.

"Orientação: Cátia Dias Goulart".

1. Literatura infantil e juvenil. 2. Literatura da Comarca Pampiana. 3. Autores da Comarca Pampiana, *Comarca Pampeana* e obras. I. Título.

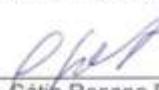
JENIFFER DE CARVALHO JUNCAL

LITERATURA INFANTOJUVENIL NA COMARCA PAMPIANA, UMA
APROXIMAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras - Português e Espanhol e suas
respectivas literaturas da Universidade
Federal do Pampa, como requisito parcial
para obtenção do Título de Licenciada em
Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 12, dezembro de
2018.

Banca examinadora:



Prof.ª, Dr.ª Cátia Rosana Dias Goulart
Orientadora
Unipampa



Prof.ª, Dr.ª Geice Peres Nunes
Unipampa



Prof. Dr. Luis Fernando da Rosa Marozo
Unipampa

Dedico este trabalho ao meu filho Lorenzo que foi o motivo maior de cursar esta faculdade e é por quem eu busco um futuro melhor.

AGRADECIMENTO

A Deus por ter me dado força e saúde para superar as dificuldades no caminho.

A esta universidade que me proporcionou a oportunidade de crescimento pessoal e profissional.

A Prof^a. Dr^a. Cátia Dias Goulart, pelo suporte incondicional no pouco tempo que lhe coube e pelas correções, incentivos, dedicação e carinho que teve com meu trabalho, inclusive os vários feriados que ficou na cidade só pra me atender, abdicando de estar com sua família para me auxiliar, sem palavras pra agradecer por tudo, mas sim muita admiração e gratidão.

Aos professores Luiz Marozo, Cátia Goulart, Geice Peres, Carlos Rizzon, Ana Boessio, Cristina Boessio, Aline Neuchrank, Leonor Simioni, Renata Silva e outros por me proporcionarem o conhecimento e caráter na educação no processo de formação profissional, pela dedicação e ensinamentos, nunca vou me esquecer de nenhum de vocês, levarei pra vida e profissão tudo o que aprendi com vocês, principalmente com o que o PIBID me proporcionou em experiência na sala de aula, nas escolas, foram mais de dois anos, em escolas diferentes, sem palavras para agradecer prof. Luiz Marozo, com a certeza que vou levar para minha vida profissional tudo o que aprendi nas escolas e nas reuniões.

A todos os colegas de curso que me incentivaram muito para não desistir, apesar de ter passado por muitos problemas, sempre segui frente com meu sonho e boa parte desta determinação foi dada por meus colegas, principalmente as colegas de Arroio Grande.

Aos meus pais, pelo incentivo de sempre e amor. Minha mãe em especial, que se formou com mais de 40 anos e me motivou a fazer esta faculdade, mesmo eu estando com filho pequeno me ajudou muito, abrindo mão de seu trabalho para cuidar meu filho enquanto estudava. Por ter sido um exemplo e uma inspiração para voltar a estudar depois de ter parado tantos anos, te amo, muito obrigado.

Meu pai, que sempre esteve na minha volta e me ajudou muito também, seja com palavras de incentivo, ou cuidando do Lorenzo, uma pessoa especial que está sempre preocupado comigo e que sempre tinha um abraço carinhoso quando eu estava desmotivada, te amo, muito obrigado.

Meu esposo, meu amor, pelos 11 anos de amor e companheirismo, por me ensinar a viver aproveitando cada minuto, pois nós sabemos viver, por ter me dado o maior presente que eu poderia receber, nosso filho querido e pelas horas intermináveis longe e compreensão que era por um ótimo motivo, que poderá nos dar um futuro mais seguro e uma realização profissional que sempre sonhei alcançar e que ele sempre entendeu e apoiou, pelas vezes que fiquei longe, por me amar e por te amar, obrigado.

Ao meu amado Lorenzo, também que muitas vezes abdiquei de estar ao seu lado por um propósito maior. Meu pedacinho de gente que sempre me entendeu tão bem e me apoiou apesar da pouca idade, sempre foi uma fortaleza para eu nunca desistir, ele que está numa fase de descobertas e já entende a importância do estudo na vida da gente, me faz viver aventuras maravilhosas e ter a certeza deste amor incondicional, meu menino especial que sempre entendeu o porquê de estar longe, obrigado por seu meu, por ter sido você este anjo que veio pra mim e por tudo.

A minha sogra, minha filha de coração Laurinha, meu irmão, cunhada, minha tia Gila, por serem pessoas especiais em minha vida e que sempre estiveram ao meu lado apoiando, tendo certeza que ficarão felizes com minhas conquistas.

Enfim, minha família e amigos que me amam e apóiam e fizeram parte da minha formação e que vão estar presentes em minha vida, que sabem de todas as pedras no caminho que encontrei e que sabem que sempre fui persistente.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

“E aqui, em nossa Comarca, há só uma gente, seja do lado de cá, seja do lado de lá. Não é preciso dizerem: qualquer um sente” (SCHLEE, 2014).

RESUMO

Esta monografia de final de curso apresenta uma reflexão sobre a literatura infantil e infantojuvenil na *Comarca Pampeana*. Como resultado de meu processo de investigação e escrita do trabalho, apresento inicialmente, a partir de estudiosos do gênero - ZILBERMAN (2003); ZILBERMAN E LAJOLO (1988); COLOMER (2003); CAVÉQUIA (2010); GREGORIN FILHO (2011); PINA E MICHELLI (2011) - apontamentos sobre as principais características que marcam esse tipo de produção ficcional. Posteriormente reflito sobre as relações entre espaço e literatura a partir de críticos como BRANDÃO (2015); RAMA (1988); KÁLIMAN (1994); SCHLEE (2014); GOULART (2015). E apresento um breve levantamento de escritores e obras produzidas na região da *Comarca Pampeana*. Considerando, especialmente, os apontamentos da crítica revisada ao longo do trabalho, desenvolvo a leitura de dois textos ficcionais: *Saturnino desce ao Pampa*, CORONEL (2013) e o mini conto *Amizade*, no livro *adeus contos de fadas*, BRASILIENSE (2006). Concluo apontando que há uma significativa produção ficcional de escritores dedicados a esse gênero literário em nossa região cultural e, a pesar do pequeno corpus analisado, observo que as relações entre espaço e literatura têm importância nos significados abertos pela obra, razão pela qual ler e estudar escritores de nossa região cultural pode ser relevante para o processo de ensino de leitura em nossas escolas.

Palavras-Chave: literatura infantil e juvenil, *Comarca Pampeana*, escritores.

RESUMEN

Esta monografía del final del curso presenta una reflexión sobre la literatura infantil y juvenil en la *Comarca Pampeana*. Como resulta de mi proceso de investigación y escrita del trabajo, busco primeramente, partiendo de estudiosos del género - ZILBERMAN (2003); ZILBERMAN E LAJOLO (1988); COLOMER (2003); CAVÉQUIA (2010); GREGORIN FILHO (2011); PINA E MICHELLI (2011) – apuntes sobre los principales caracteres que marcaron ese tipo de producción ficticio. Después reflexiono sobre las relaciones entre espacio e literatura partiendo de críticos como BRANDÃO (2015); RAMA (1988); KÁLIMAN (1994); SCHLEE (2014); GOULART (2015). Presento un corto levantamiento de escritores y obras producidas en la región de la *Comarca Pampeana*. En vista de, especialmente, los apuntes del crítica revisada a lo largo del trabajo, desarrollo la lectura de dos textos ficticios: *Saturnino desce ao Pampa*, CORONEL (2013) y el mini cuento *Amizade*, en el libro *adeus contos de fadas*, BRASILIENSE (2006). Concluyo apuntando que hay una significativa producción ficcional de escritores dedicados a ese género literario en nuestra región cultural y, a pesar del pequeño corpus analizado, veo que las relaciones entre espacio y literatura tienen importancia en los significados abiertos por la obra, razón por la cual leer y estudiar escritores de nuestra región cultural puede ser pertinente para el proceso de la enseñanza de lectura en nuestras escuelas.

Palavras-Chave: literatura infantil y juvenil, *Comarca Pampeana*, escritores.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 ESTUDOS SOBRE LITERATURA INFANTIL E INFANTO-JUVENIL.....	16
3 ESTUDOS DO ESPAÇO FICCIONAL E A COMARCA PAMPEANA.....	26
4 LITERATURA INFANTIL E INFANTO-JUVENIL NA COMARCA PAMPEANA...	32
4.1 AUTORES E OBRAS, UM PANORAMA.....	32
4.2 LEITURA DE TEXTOS FICCIONAIS.....	43
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	57

1 INTRODUÇÃO

Neste primeiro capítulo apresento primeiramente um breve relato a partir de uma pesquisa bibliográfica, abordamos o surgimento da literatura infantil/juvenil de modo geral e, em especial, no Brasil. Busco, nesse processo, compreender e apresentar as principais características do gênero - literatura infantil e infantojuvenil. Para subsidiar essa exposição partimos da leitura de um conjunto de obras consultadas ZILBERMAN (2003); ZILBERMAN E LAJOLO (1988); COLOMER (2003); CAVÉQUIA (2010); CAVÉQUIA (2010); GREGORIN FILHO (2011); PINA E MICHELLI (2011).

Na segunda etapa desse trabalho, buscamos estabelecer relações entre literatura infanto-juvenil e sua relação com a região cultural de fronteira - a *Comarca Pampeana* - onde vivo e estudo. Tratando do estudo do espaço e sua representação em uma obra para caracterizá-la ou não como sendo literatura infantil ou infantojuvenil da *Comarca Pampeana*. Para isso inicialmente recorreremos a KÁLIMAN (1994), SCHLEE (2014), BRANDÃO (2015) e GOULART (2015), a fim de entender e expor o conceito de região cultural a partir de suas reflexões críticas. E, para finalizar o capítulo, analisamos a importância do espaço nas obras de literatura infantil ou infantojuvenil na região cultural da *Comarca Pampeana*.

Na terceira etapa do meu trabalho, apresentamos resultado de uma pesquisa de campo sobre de literatura infantil e infantojuvenil na região da fronteira. Identificamos assim algumas obras ficcionais e desenvolvemos a leitura de dois textos, com base nas reflexões críticas aqui citadas. Um é a obra *Saturnino desce ao Pampa*, um texto marcado pela etapa infantil; o outro é o Mini conto "Amizade", na obra *adeus contos de fadas*, voltado para os leitores infantojuvenis.

Este trabalho iniciou a partir de um questionamento sobre a existência da produção ficcional dedicadas a crianças e jovens na *Comarca Pampeana*. A primeira pergunta norteadora era saber se havia uma produção ficcional dedicada a crianças nesta região cultural; a segunda, dependente da primeira, é se nela existem marcas, além das contextuais, sobre sua procedência.

Por isso, primeiramente, iniciamos uma busca por escritores em sites na internet, para tomarmos conhecimento de publicações de obras infantis e infanto-juvenis atuais. Mediante a um primeiro levantamento, tentamos comprar nas livrarias tais publicações, porém, na maioria dos casos, tivemos que realizar contato

diretamente com os escritores para adquirir as obras. Nesse sentido, essa primeira etapa do trabalho está baseada em uma pesquisa de campo.

Em um segundo momento, já com um número significativo de obras adquiridas e em processo de leitura, passamos para um estudo de ordem bibliográfico com dois temas básicos. Primeiramente refletimos sobre as especificidades da Literatura Infantil e Infantojuvenil e sua trajetória no Brasil, a partir de leituras dos críticos estudados no segundo capítulo. E depois nos dedicamos a pensarmos sobre as relações entre literatura e espaço com os estudiosos do terceiro capítulo.

Para finalizar, buscando integrar as partes e refletir sobre os questionamentos que geraram este trabalho, apresentamos os escritores e suas obras. Desse repertório inicial escolhemos e desenvolvemos uma leitura crítica de dois textos ficcionais, a partir de uma perspectiva literária sócio-pragmática. A opção por essa perspectiva teórica de leitura do texto ficcional nos resulta fundamental já que ela considera todos os elementos envolvidos no texto literário. Os contextos de produção e leitura - autor empírico e leitor - ganham relevância no processo interpretativo à medida que consideramos todas as demais instâncias implicadas no texto ficcional: o gênero literário, as vozes internas do jogo da enunciação - autor implícito-leitor implícito, narrador/eu lírico - narratário, espaço e tempos da ficção.

2 ESTUDOS SOBRE A LITERATURA INFANTIL E INFANTOJUVENIL

Neste capítulo apresentamos a partir de alguns estudiosos um panorama sobre a Literatura Infantil/Juvenil, seu surgimento e características. Iniciamos com apontamentos de Regina Zilberman em “O Estatuto da Literatura Infantil” (2003). Segundo Zilberman, os primeiros livros para crianças foram escritos ao final do séc.XVII, mas foi especialmente a partir do séc.XVIII, que ganharam força porque antes não existia escrita para crianças, por não haver até então a conceito de “infância”. A mudança que houve está relacionada aos modos de entender e agir em família, pois foi com o modelo burguês familiar construído a partir da Idade Moderna, que a concepção de infância passa a ser considerada.

De acordo com a autora, a criança até então não tinha um mundo separado, uma atenção especial para as suas necessidades. Ela ainda aponta que com a modernidade e a criação das escolas, a literatura infantil e o processo educacional passam a ter um papel fundamental no desenvolvimento da criança e os primeiros textos infantis foram escritos por pedagogos e professoras, com o intuito educativo.

Zilberman observa que essa marca nas origens do gênero faz com que ainda hoje muitas vezes literatura infantil não seja vista como arte. Ou seja, a finalidade formativa e os objetivos didáticos, presentes nas origens da literatura infantil revelam riscos de certa manipulação e dominação da criança pelos adultos nesse tipo de produção. Além disso, ela aponta que, a escola possui um papel de projetar a imagem da criança, mas que muitas vezes, o espaço da escola fica separado ao da sociedade. A escola é parte importante do processo de formação da criança e a literatura infantil pode ser/tornar-se um forte instrumento de controle da criança, já que ela transmite ensinamentos conforme uma visão adulta de mundo.

Segundo a crítica as relações entre literatura e escola ainda hoje preservam a natureza formativa, ou seja, muitas vezes a sociedade de adultos manipula as crianças para que sejam como eles querem, dependentes. Assim, a literatura e a escola atuam na formação do pensamento da criança e deixam limitações criadas pelos adultos ao moldá-las. A criança se ressentida de uma abertura de horizontes, conseqüência da situação “claustral” a que foi lançada, considera Zilberman. E a grande carência da criança, para ela, é poder refletir sobre si mesma, sobre o ambiente no qual ela vive, que é o da família, da história e da vida social, como na escola.

Zilberman retomando outro crítico, Antonio Candido, em seu texto “A literatura e a formação do homem” (1972), alerta para seus leitores que a literatura infantil realiza uma função formadora, mas não deve ser confundida com uma missão pedagógica. Ainda seguindo as palavras de Candido, a pesquisadora observa que o gênero possibilita o conhecimento da cultura, do mundo e do ser, isto é, a literatura infantil representa um acesso da criança à circunstância individual por intermédio da realidade criada pelo escritor ficcional. E vai mais além, em sua avaliação, afirmando que o gênero propicia os elementos para uma emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita de todo texto literário.

Integrando-se a este projeto liberador, a escola pode romper suas limitações, que são inerentes à situação com a qual se comprometeu em sua gênese, nos diz Zilberman, ecoando as palavras de Candido. E ainda que para ele é a possibilidade de superação de um estreitamento de origem o que a literatura infantil oferta à educação. Aproveitada na sala de aula em sua natureza ficcional, a literatura infantil possibilita um conhecimento de mundo, e não deve ser subordinada ao ensino bem-comportado, apresentando-se, assim, como elemento propulsor que levará a escola à ruptura com a educação tradicional.

Zilberman, no artigo anteriormente citado, destaca que também o crítico Carlos Baungarten, ao tratar da literatura infanto-juvenil, chama atenção para os riscos da literatura produzida para crianças e jovens: “[...] O que chamamos de literatura infantil específica, isto é, os textos escritos exclusivamente para crianças, têm sua origem primariamente não em motivos literários, mas pedagógicos.” (BAUNGARTEN, APUD ZILBERMAN, 2003).

Assim, para os críticos citados a oferta de textos para as crianças está relacionada com o desenvolvimento linguístico, com a formação da compreensão do fictício e de sua função na fantasia no mundo infantil, com a credulidade na história e aquisição de saber. Zilberman lembra que o uso do livro na escola nasce da relação que ele estabelece com seu leitor e do papel transformador que pode exercer dentro do ensino, por isso trazer o livro para o cotidiano das crianças é fundamental para que elas desenvolvam um olhar sensível e crítico em relação ao seu entorno.

Ao tratar da produção literária infantil no Brasil, Zilberman aponta que o escritor Monteiro Lobato, foi quem rompeu com a tradição literária destinada aos jovens de seu tempo, uma vez que o escritor focalizou o presente de seus leitores e desdobrou as peripécias da narrativa ficcional com base no cotidiano de suas

personagens. A literatura infantil e juvenil vinda do folclore europeu, segundo Zilberman, não tinha vínculo com os leitores e jovens brasileiros e, a partir da criação do *Sítio do Pica-pau Amarelo*, Lobato renova, especialmente, a relação espaço-tempo e linguagem. Com essa estratégia de construção de suas narrativas Lobato mudou a realidade da literatura infantil no Brasil, atualizando-a para sua época também pelo tratamento dado à criação de suas personagens.

Já alguns anos antes Zilberman e Marisa Lajolo afirmavam em sua obra *Um Brasil para crianças, para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos*, capítulo II “A literatura infantil brasileira ao tempo do modernismo” (1988) que as mudanças que ocorreram na política do Brasil e em sua literatura brasileira, não tiveram origem popular, nem aparecimento espontâneo. O surgimento, segundo elas, foi induzido, com patrocínio dos autores que escreveram livros para as crianças no período de transição, entre os séculos XIX e XX.

Segundo as autoras, as editoras começaram a prestigiar e dar valor ao gênero, com o aparecimento de escritores da nova e atuante geração modernista, a partir de 1920-1945. As estudiosas apontam ainda que as experimentações modernistas favoreceram a representação do contemporâneo, em nome do qual todas as liberdades eram promovidas, afinal, segundo as autoras, a literatura infantil nunca deixou de se integrar à sua época e representá-la à sua maneira.

Outra importante estudiosa do gênero, a espanhola Teresa Colomer, que vem sendo traduzida no Brasil por Laura Sandroni, na obra “A formação do leitor literário” (2003) analisa e interpreta dados obtidos a partir da aplicação de uma ficha de análise ao *corpus* de obras literárias infantis europeias. Ela apresenta um quadro com os dados numéricos resultantes da aplicação da ficha de análise de cada uma das unidades narrativas do corpus de 150 obras selecionadas em um recorte temporal da década de sessenta a setenta. No referido trabalho a estudiosa busca detectar e analisar as características da narrativa infantil e juvenil atual e por esse caminho orientar critérios de seleção de obras destinadas a crianças e jovens.

Segundo a autora, a primeira constatação é que a narrativa infantil e juvenil está marcada profundamente pela literatura fantástica¹, no final dos anos setenta, já

¹ Para entender os conceitos de maravilhoso e fantástico na Literatura, recorremos às reflexões de Liana Sálvia Trindade e François Laplatine a partir de suas reflexões no livro *O que é imaginário* (1997). Para esses críticos “maravilhoso” comporta a face noturna da existência, o universo dos sonhos e a magia que tenham transformações e metamorfoses que seriam completamente impossíveis na vida cotidiana. Um dos exemplos dados é Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll. Já o fantástico, segundo os autores, ao contrário do maravilhoso, supõe um lado de intrusão de algo desconcertante no cotidiano da vida e conseqüentemente uma hesitação, por parte daquele que o experimenta, sobre o que acabou de acontecer. A literatura

que mais de sessenta por cento das obras estudadas encontram-se nessa categoria. Ela aponta que as correntes fantásticas nesta época triunfaram sobre o realismo social e sobre os pressupostos educacionais predominantes nas décadas posteriores ao pós-guerra mundial. Através do realismo mágico² o campo literário passa transgredir os valores e reivindica a imaginação como um valor pessoal, o que é coerente com as novas propostas educacionais³.

Então, para a autora não é estranho constatar que na literatura moderna/atual explorar a capacidade imaginativa, com a criação de um mundo cheio de personagens e animais a serviço de uma descrição terna e adequada aos leitores bem pequenos.

Colomer afirma que houve muitas mudanças nos contos atuais, afastando-os das características tradicionais, já que os estudos da psicologia apontaram estágios mais adequados aos leitores infantis. Nesse caminho os escritores atentos à personalidade própria na criança ou jovem em suas diferentes faixas etárias, apropriam-se do núcleo de vida cotidiano das crianças e viabilizam um protagonismo ativo da criança frente a texto literário.

Segundo a crítica o jogo com a tradição literária, empreendido pela narrativa infantil e juvenil atual, torna muito mais difícil a possibilidade de narrar aventuras dentro de alguns parâmetros, que estão sendo sistematicamente explicitados e criticados, além de outros fatores que contribuíram para esta situação, como a idéia de um mundo ligado pela televisão até o último rincão, que obrigou a redefinir os espaços da aventura. Tanto que muitas das aventuras presentes nos livros estudados, segundo Colomer, buscam lugares pouco explorados, como a Groenlândia ou Amazônia, ou projetam seus espaços ficcionais no futuro e fora do planeta.

Com relação ao tempo, as narrativas situam-se no passado ou em um mundo paralelo de forças desconhecidas. Nessa perspectiva a autora salienta que se criaram novos modelos narrativos de ficção científica, de renovação do romance

fantástica segundo os críticos é um gênero marcante da modernidade, presentes em diferentes subgêneros da literatura tais como novela fantástica, romance policial, ficção científica, etc.

² Para entendermos o Realismo mágico também recorreremos aos críticos Trindade e Laplatine. Segundo eles o Realismo mágico também ser chamado de "realismo alucinado", "realismo maravilhoso" ou ainda de "realismo mítico" e são várias maneiras de designar o que na Europa chamam de surrealismo. Neste caso há uma realidade criada pela imaginação e que se reveste de tantos detalhes que se torna ela também tão "real" quanto outra qualquer. Os autores retomam ao escritor argentino Jorge Luis Borges, pois para ele a realidade é uma ilusão e a ficção seria realidade, e a ela nós podemos ter acesso pela leitura.

³ Educação nos anos 60/70 nos deixou muitas seqüelas, uma educação de qualidade para poucos na época. Portanto, na década de 70 com suas políticas educacionais não teve prioridade uma educação que visasse o capital humano para desempenhar o papel de cidadão ativo na sociedade em que está inserido, ou seja, uma escola que não propicia educação de qualidade para todas as universidades eram de difícil acesso para a classe menos favorecida financeiramente.

histórico, de romances de fantasia e mistério ou ainda de jogos metaliterários com a tradição.

Esses novos modelos do gênero revelam, segundo a autora, uma nova atitude em relação aos antigos clássicos da literatura infantil. Afinal, boa parte das narrativas de aventuras defende agora as formas de vida “selvagem” através do desejo dos protagonistas de ficar para sempre entre culturas pré-industriais descobertas por seus protagonistas.

A autora, dedicada a obras produzidas em países europeus, também destaca a escassa existência de obras que tratam de temas sociais. Inicialmente, para ela, esse dado parece um resultado muito surpreendente, já que a preocupação social é parte inequívoca da proposta de valores. Outro dado apontado por Colomer é que a idade dos destinatários é um parâmetro que tem sido levado em consideração na distribuição de gêneros ao longo do itinerário de leitura oferecido pela narrativa infantil e juvenil.

Essas vertentes do gênero revelam, segundo a autora, uma nova atitude em relação aos antigos clássicos da literatura infantil. Afinal, boa parte das narrativas de aventuras defende agora as formas de vida “selvagem” através do desejo dos protagonistas de ficar para sempre entre culturas pré-industriais descobertas por seus protagonistas.

Já, o artigo “Breve panorama da literatura infantil e juvenil no Brasil” (2010), Márcia A. Paganini Cavéquia traz características da literatura infanto-juvenil e falando de algumas obras que influenciaram escritores famosos e o que estas obras tiveram de importante em suas vidas. Para isso a crítica parte do conto *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector, que trata sobre o desejo que o livro desperta em uma criança. Para Cavéquia, neste conto autobiográfico, o livro objeto de desejo era *Reinações de Narizinho* (1921), de Monteiro Lobato. Com esse livro a narradora do conto relembra sua infância e seu prazer em conseguir o livro desejado.

A estudiosa destaca que também o escritor e desenhista Ziraldo teve seu encontro inesquecível com *Reinações de Narizinho*. Retomando uma entrevista com o escritor, a crítica informa que Ziraldo relata que seu pai lera para ele em sua infância um livro com o mesmo título, o qual ele nunca havia esquecido. Mas seria apenas em 1920, passados 20 anos, com seu filho, Geraldo, que ele saberia o autor da obra que escutara um dia com seu pai. Ao retornar da escola, Geraldo mostra o

livro ao pai que lhe perguntou o nome do autor do livro. E a resposta foi: um tal de Monteiro Lobato.

Com esses dois exemplos, Cavéquia destaca como Ziraldo e Clarice são escritores que tiveram suas vidas pessoais e profissionais marcadas pelo encontro com o livro. E, em especial, ela aponta a relevância da obra de Monteiro Lobato na formação de dois escritores tão importantes para a literatura brasileira.

A crítica também destaca como os demais críticos citados anteriormente, que, até o séc.XIX, a literatura destinada a crianças e jovens era importada, com a maioria de traduções feitas em Portugal. Era uma literatura cara e para poucos, não havia editoras no país e mesmo os autores brasileiros tinham suas obras impressas na Europa, e que é com Lobato que a literatura infantil e infantojuvenil no Brasil começam a mudar.

Segundo Cavéquia, a mudança veio em 1921, com o lançamento de *A menina do narizinho arrebitado*, que abriu uma nova fase literária da produção brasileira, destinada a crianças e jovens. É a partir de então que se tem uma mudança nos paradigmas de publicação para os leitores infantis e infantojuvenis, no Brasil.

Mas seria apenas a partir de 1970, conforme a autora, que realmente há uma mudança no panorama de produção do gênero, motivado pela Lei de Reforma do Ensino que obriga a adoção de livros de autores brasileiros nas escolas de primeiro grau, atual ensino fundamental. Surgem assim escritores como Fernanda Lopes de Almeida, Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Marina Colasanti e Eliardo França, escritores que compuseram uma literatura com fortes traços lobatianos, nos informa Cavéquia.

De acordo com a autora, apesar de o livro continuar caro e não atingir a todas as classes econômicas pretendidas, o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), do Governo Federal⁴, tem possibilitado acesso de inúmeras crianças a obras literárias de qualidade. O MEC encaminha os livros para as bibliotecas das escolas para apoiar um programa na formação de leitores.

⁴ O PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) foi criado em 1985 pelo governo federal e consiste na distribuição gratuita de livros didáticos para os alunos de ensino fundamental de todo país. Tem por objetivo oferecer a alunos e professores de escolas públicas, de forma universal e gratuita, livros de língua portuguesa de qualidade. As coleções enviadas são aprovadas pelos professores das escolas, o material escolhido está disponível no Guia Digital PNLD 2018 e nos portais do MEC e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da educação (FNDE). A partir de 2019 os livros serão consumíveis, ou seja, todos os volumes do primeiro ao quinto ano passarão a ser do aluno, não precisando devolver ao final do ano letivo. (portal.mec.gov.br)

Outro artigo considerado por nós “*Literatura Infantil/Juvenil, Sociedade e Ensino*” (2011), de José Nicolau Gregorin Filho, discute as relações entre a literatura infantil/juvenil e sua inserção no universo escolar brasileiro, tendo em vista que é, sobretudo, na escola que a criança é preparada para a vida em sociedade.

Também Gregorin situa a origem da literatura infantil no séc. XVIII. Como exemplo ele destaca textos como contos de fadas que tinham sido adaptados para a educação dos pequenos, e observa que esses textos procuravam transmitir valores morais para a educação das crianças e jovens. Antes desse momento, anterior ao sistema escolar, o crítico observa que havia uma separação bastante nítida de oferta de textos às crianças: as que tinham mais condições financeiras liam livros clássicos da literatura, orientados por seus pais ou tutores, já as de classes mais populares não tinham acesso à escrita e à leitura, essas entravam em contato apenas com uma literatura oral mantida por seu povo, ainda que também veiculada entre adultos. Por isso o crítico destaca que a literatura oferecida nesta época não tinha o caráter lúdico tão importante para o desenvolvimento da criança.

Analisando a literatura contemporânea, Gregorin observa que a maior parte dos textos infantis conjuga duas linguagens: a visual e a verbal. Outro elemento que ele destaca é o reconhecimento por parte de quem escreve que seu leitor é uma criança. Por isso para o autor os recursos verbais e visuais, assim como a escolha de temas têm o propósito de fazer o leitor crer estar em contato com discursos que circulam no universo infantil. É certo, porém, segundo o autor, que a sociedade produz e aceita textos como verdadeiramente infantis de acordo com as concepções de criança que foram construídas através de diversos momentos históricos, pelos adultos.

O crítico ainda chama atenção para o fato de que na escola é o docente que tem a responsabilidade de escolher livros de literatura infantil/juvenil e frente a essa demanda ele questiona: como o/a professor/a pode escolher obras frente os problemas sociais e econômicos que adentram espaços de educação? O que as escolas fazem com os livros recomendados e repassados pelo MEC? Quantas escolas dispõem de boas bibliotecas? Questionamentos que seguem conosco ao trabalhar em escolas.

Também para Gregorin, a sociedade procura moldar o universo infantil. Enfim, as crianças seguem entrando em contato com o mesmo discurso dos adultos, com uma única diferença: hoje em dia há um conhecimento mais amplo das etapas de

desenvolvimento da criança e um respeito ao que cada uma dessas etapas representa na vida infantil.

Para o autor, atualmente se observa que conforme a fase de desenvolvimento da criança, bem como sua inserção no universo escolar e aquisição da linguagem verbal escrita, há um tipo de entendimento-compreensão do texto. E, por isto, é importante que o adulto responsável pelo oferecimento de um livro para a criança esteja atento a estes fatores, pois disto depende maior ou menor imersão no universo literário-artístico.

Outras estudiosas do gênero Patrícia Kátia da Costa Pina e Regina Silva Michelli, no artigo “A literatura infantil e juvenil hoje” (2011), ao refletirem sobre o processo histórico da literatura infantil/juvenil no Brasil, destacam as mudanças ocorridas na produção literária para as crianças ao longo dos tempos.

Segundo as autoras, devido ao vínculo entre literatura infantil e as práticas pedagógicas que foram sendo impostas na educação desde o séc.XIX, precisamos questionar se a literatura infantil é um instrumento pedagógico ou se é arte.

A partir de um conjunto de autores estudados por PINA e MICHELLE, elas também consideram, assim como Zilberman, a Monteiro Lobato um marco na literatura infantil brasileira. Lobato teve uma proposta inovadora de literatura infantil porque em seus textos a criança passou a ter voz e vontade. Para elas, Lobato possui características até então não exploradas no universo literário para as crianças, como sociedade, realidade do Brasil, preocupação com os problemas sociais, religião, entre outros assuntos. Nesse processo de produção literária para as crianças, a obra de Lobato afasta-se de ser um recurso pedagógico, para adquirir principalmente funções lúdica, catártica, despertando as crianças para outros saberes.

Considerando os críticos resenhados aqui neste capítulo, observamos que o gênero literatura infantil/infantojuvenil - em sua origem desde meados do séc. XVIII surgiu pela importância que passou a ter a infância e a relevância que a sociedade conferiu à criança e a jovens, propondo obras cada vez mais voltadas diretamente a necessidades e gostos delas. Ainda que muitas vezes essa produção esteja disfarçada porque tem cunho pedagógico e controlador, marcas que tanto é escrito por adultos quanto é por eles selecionado.

A associação entre família e escola incidiu muitas vezes no controle da formação das crianças e jovens, e a literatura infantojuvenil corre risco de ser um

dos seus instrumentos, nos advertem os críticos. A nós professores cabe sempre estarmos alertas ao escolher as obras, bem como pensar as estratégias metodológicas de desenvolver a leitura. E, como lidar com a literatura infantil que é um texto artístico, porém escrito e selecionado por adultos?

Ao que se refere aos estudos da literatura brasileira, percebemos que Monteiro Lobato foi o escritor mais importante para que fosse mudado o modo de escrever para crianças no Brasil. Ele foi e é um marco para diversos escritores que produzem literatura infantil, conforme podemos observar pelos críticos estudados anteriormente. Lobato mudou as narrativas ficcionais com base no cotidiano de seus personagens, ele renovou a relação espaço-tempo e linguagem, mudando a realidade da literatura infantil no Brasil.

O primeiro ponto que os estudiosos perceberam é a linguagem e nela está presente uma mobilidade entre a fala e a escrita brasileira, uma oralização estética. Outro é a forte presença do humor como recurso de inovação lobatiana, como um instrumento de desmistificação e reflexão crítica sobre dados do contexto histórico e social.

Segundo os críticos, Lobato frequentemente utiliza o recurso de personagens contadoras de histórias, como a avó, D. Benta, e Tia Anastácia. Lobato foi o primeiro a trazer o tema do folclore sempre presente em suas histórias através de seus personagens do Sítio.

Conforme eles, Lobato trouxe para o universo da criança os grandes problemas que até então eram considerados exclusivamente do mundo adulto. Para isso, ele criou um mundo mágico no qual a fantasia é parte integrante e de convivência de personagens do mundo referencial e personagens do mundo das maravilhas, na mais perfeita harmonia. O sítio é o espaço da magia e se integra na natureza e é importante salientar que a fantasia para Lobato é sempre uma forma de iluminar a realidade e não é alienante, segundo afirmam os críticos estudados neste capítulo. Ele deu voz a criança e sua obra afasta-se de ser um recurso pedagógico e traz funções lúdicas, despertando o conhecimento e curiosidade nas crianças.

Conforme nos apontam, outra marca na literatura do escritor para promover o humor, a ironia e a crítica no mundo predominante é a personagem Emília, uma boneca de pano, mas que representa a voz da criança inquieta e questionadora, elemento que revolucionou a literatura no Brasil.

Segundo a crítica, a partir dos anos 70 ocorrem muitas modificações com uma grande diversificação da produção ficcional com aparecimento de novos autores para atender ao público leitor. Para isso, contribuiu a lei da reforma de ensino que obrigou a adoção de livros de autores brasileiros nas escolas, outra vez a literatura ligada ao sistema de ensino. E também contribuiu os estudos da psicologia infantil e dos níveis de aprendizagem de linguagem, que atuaram não só na produção ficcional, mas, sobretudo no processo de educação. Verificamos que, segundo os críticos aqui estudados, a idade dos destinatários é uma medida que tem sido levada em conta na distribuição de gêneros ao redor da leitura oferecida pela narrativa infantil e juvenil.

Nesse conjunto ficcional, destacamos que pertence à literatura infantil/juvenil brasileira a presença do lúdico, inventivo, real e o imaginário como preponderantes, além da busca pela linguagem e culturas brasileiras.

Outro ponto muito importante da literatura infantil e juvenil é o projeto gráfico e a ilustração contida na obra que faz parte de metade de um trabalho- e é fundamental para que chame a atenção das crianças e jovens - pois os elementos verbais e não-verbais se completam nestes gêneros infantis e infanto-juvenis.

Entendemos que a maior parte dos textos infantis e juvenis joga com duas linguagens: a visual e a verbal. Para os autores estudados até o momento, os recursos verbais e visuais têm o propósito de fazer o leitor crer estar em contato com discursos que circulam no universo infantil. Então, as crianças e jovens entram em contato com o discurso dos adultos, havendo uma diferença: maior conhecimento das etapas de desenvolvimento da criança.

E, também percebemos que hoje é uma literatura extremamente importante, com inúmeros autores e obras oferecidas por editoras, o mercado é grande, para todos os gostos e com atenção para as diferentes fases da criança e adolescentes. E cabe à escola e a família orientar e ajudar na escolha de obras de qualidade que invistam na imaginação e deixem as crianças e jovens pensar e ir além do eventual controle que a sociedade e escola pretendam criar.

Sabemos como é difícil os jovens se interessarem pela leitura de textos escritos, principalmente nos dias de hoje, com tantas tecnologias e outros atrativos que chamam mais atenção. Mas apesar disto, a escola e a família dispõe por desafio fomentar a leitura em diversos suportes, entre eles a palavra escrita.

Retomando Gregorin, sabemos que os textos infantis têm as partes visuais e a verbais interligadas, sendo que nessas dependendo da faixa etária, as duas possuem a mesma importância. Portanto, como nos orienta o autor, é importante, na hora de selecionarmos e analisarmos, prestarmos atenção nestes recursos, além da escolha de temas e tratamento da linguagem.

3 ESTUDOS DO ESPAÇO FICCIONAL E A COMARCA PAMPEANA

Para Luis Alberto Brandão (2015), em “Regimes de espacialidade na literatura brasileira contemporânea”, o termo espaço possui relevância teórica em várias áreas de conhecimento. Conforme o estudioso tal multifuncionalidade também se demonstra na posição variável ocupada pela categoria espaço no âmbito da Teoria da Literatura. E cabe ressaltar, pois, que há, no escopo da Teoria da Literatura, diferentes concepções de espaço, as quais por vezes se desdobram, convivem e inter relacionam-se.

Nesta obra o autor apresenta um primeiro esforço de sistematização das principais formas segundo as quais a categoria espaço tem sido utilizada em análises literárias. O primeiro modo e talvez o mais recorrente, é o que se interessa pela representação do espaço no texto literário. Há também o espaço social, que é tomado como sinônimo de conjuntura histórica, cultural, econômica e ideológica e o espaço psicológico, que aborda as sensações, expectativas, vontades, afetos de personagens e narradores.

Brandão afirma que nos estudos literários contemporâneos é, possivelmente, a que aborda a representação do espaço urbano no texto literário. Outra vertente também importante, associada aos Estudos Culturais, passa a utilizar conceitos como margem, território, rede, fronteira, passagem, cartografia, que buscam relacionar os tipos de espaços representados no texto literário em função de se vincularem a identidades sociais específicas.

Outro modo de estudo do espaço na literatura, segundo o autor, refere-se a procedimentos formais ou de estruturação textual. Neste caso, a espacialidade considera os recursos de simultaneidade e seus efeitos no texto, casos em que a suspensão ou retirada da primazia de noções vinculadas à natureza consecutiva da linguagem verbal, como contínua, linear e progressiva.

Brandão recorre a dois estudos clássicos sobre a relação entre espaço e literatura para explicar este caso. Um deles é o artigo “Spatial form in modern literature”, de Joseph Frank e o outro “O espaço proustiano”, de George Poulet.

Com base nesses dois teóricos, o crítico aponta que o fundamento da relação espaço-tempo de seus textos literários é a fragmentação, um caráter de mosaico e elementos descontínuos. Para ele, a literatura recusa-se ao predomínio do fluxo temporal da linguagem verbal. Nesse sentido, o espaço adquire sinônimo de simultaneidade, e considerá-lo é fundamental para podermos interpretar a obra em sua globalidade. Em tais abordagens verifica-se que o desdobramento espaço/tempo projeta-se no próprio entendimento do que é a obra: por um lado, são partes autônomas, concretamente delimitadas, mas que podem estabelecer articulações entre si; por outro, nos alerta Brandão, é a interação entre todas as partes que lhes concede unidade, “a qual só pode se dar em um espaço total, absoluto e abstrato, que é o espaço da obra”.(BRANDÃO, 2015, p.60).

O terceiro modo de estudo da espacialidade tratado pelo autor é a relação entre espaço e focalização. Ele nos alerta que é de natureza espacial o recurso que, no texto literário, é responsável pelo ponto de vista, focalização ou perspectiva, ou seja, há na literatura um tipo de visão. Trata-se, como aponta Brandão, da compreensão da instância narrativa que se desdobra em enunciado (aquilo que se enuncia) e enunciação (o processo de enunciar).

Considerando o que aponta o autor, o espaço se desdobra em espaço observado e espaço da observação. E com base neste apontamento é que ele afirma que o narrador é também um espaço, ou seja, narra-se sempre a partir de algum lugar.

Um quarto modo de entendimento do tema, apontado por Brandão, vincula espaço e linguagem. Retomando Gérard Genette (1969), o teórico afirma que a palavra também é espaço. Neste sentido, ele considera que tudo que é da ordem das relações é espacial, à medida que é abordada segundo um viés também temporal, sincrônico e simultâneo. Por outro lado, a linguagem é espacial porque é composta de signos que possuem materialidade. Esse movimento torna a palavra uma manifestação sensível que afeta os sentidos humanos ao provocar a visualidade, sonoridade e uma dimensão tátil do signo verbal.

Enfim, o crítico afirma que há uma aproximação complexa entre a tradição que concebe o espaço segundo um prisma relacional e aquela de cunho

essencialista. Ao que se refere ao prisma relacional, Brandão nos alerta que a interpretação é em parte fruto de uma faculdade abstrata por parte do leitor, ou seja, o espaço nunca é puramente derivado de quaisquer referências. Por outra parte, nunca deve ser entendido em um aspecto totalmente essencialista, ou seja, puramente pelas relações que estabelece por algum tipo de referências. Nesse sentido, "Trata-se assim de não recusar a existência de uma 'corporeidade' ao espaço, mas de ressaltar que o 'corpo' não pode ser considerado nem como manifestação autofundante, nem como noção autoevidente" (BRANDÃO,2015,P.65).

Considerando o aspecto social ou referencial apontado inicialmente por Brandão, passamos a abordar o conceito de região cultural. Para isto, recorreremos a Ángel Rama que desenvolve o conceito de comarcas culturais em "Regiones, Culturas e Literaturas", da obra *Transculturación Narrativa en América Latina* (1982). Neste capítulo Rama, em seus estudos de América Latina, aponta que

Este segundo mapa latinoamericano es más verdadero que el oficial, cuyas fronteras fueron, en el mejor de los casos, determinadas por las viejas divisiones administrativas de la Colonia y, en una cantidad no menor, por los azares de la vida política, nacional o internacional. (RAMA, 1988, p.58.)

Segundo Goulart (2016)⁵, nesse capítulo, Rama ao tratar da unidade da América Latina como um projeto intelectual fundado sobre bases históricas, de língua e comportamento semelhantes, aponta a diversidade do continente, a qual, para ele, reside em três níveis: o primeiro, relativo à construção dos estados nacionais; o segundo, apontado como "*más robusto*", marcado pela existência de regiões culturais e até de sub-regiões no interior da nação; e o terceiro em que "estas regiones pueden encabalgarse asimismo diversos países contiguos o recortar dentro de ellos áreas con rasgos comunes". (RAMA, apud GOULART 2016, p. 58). É considerando esses aspectos que o crítico uruguaio entende que se pode ver um segundo mapa latino-americano, inclusive, mais verdadeiro que o oficial. Dentre suas exemplificações para o caso, o crítico uruguaio chama a atenção para o fato de que "el estado del Rio Grande do Sul, brasileño, muestra vínculos mayores con el Uruguay o la región pampeana Argentina que con Mato Grosso o el Nordeste de su propio país".(RAMA apud GOULART, 2016, p. 58).

GOULART, Cátia Dias. *Imaginários do Sul: pensamento crítico de fronteira e os avessos da Modernidade na ficção de Aldyr García Schlee / Cátia Dias Goulart*. 230 p. Tese (Doutorado)— Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, DOUTORADO EM TEORIA DA LITERATURA, 2016. 6-Comarca Pampiana, em Português, será usado no título, pois no corpo do texto optamos por usar a *Comarca Pampeana* que está escrito em espanhol, para destacar a região cultural da Comarca que está composta pelo Uruguai, sul do Brasil e parte da Argentina.

Como aponta a referida professora, orientadora desse trabalho monográfico de conclusão de curso, para entender a cultura e a literatura, em especial no âmbito das comarcas, Rama recorre ainda ao conceito de sistema apontado por Candido. Em sua obra já clássica, da obra *Transculturación Narrativa en América Latina*, ele retoma o pensador brasileiro que conseguiu propor o momento formativo da literatura brasileira como um sistema literário específico da língua portuguesa. Estendendo esta reflexão de Candido para a América Latina, Rama observa que “as culturas internas” podem ser entendidas por suas relações com os influxos de suas metrópoles, mas pensa:

... que también puede ser contada a través de los diferentes sistemas literarios que se utilizaron para esos fines y sus fuentes originarias, procurando correlacionar estas tres partes: los asuntos, la cosmovisión y las formas literarias”. (RAMA apud GOULART: 34)^[31]

Como aponta a orientadora deste trabalho no primeiro capítulo de sua tese de doutorado, foi, sobretudo, sob a influência dessas orientações de Rama e Candido que se desenvolveu uma produção crítica em torno da literatura produzida na região compartilhada pelo sul do Brasil, Uruguai e da Argentina pampiana. Foi especialmente em meados dos anos 80, que diferentes pesquisadoras/es brasileiras empreenderam a leitura e a releitura das literaturas regionais do Rio Grande do Sul em sua relação com os demais países que integram a *Comarca Pampeana*.

Segundo Goulart, os pesquisadores dedicados a pensar as relações da literatura da fronteira dessa região cultural voltam-se predominantemente para um mesmo conjunto de obras literárias, constituindo um repertório comum entre os investigadores. A recorrência às mesmas obras e autores contribuiu para a formulação de um sistema literário da região, em que a personagem do gaúcho/*gaucho* em seus vínculos com o espaço e com a história da região predominam.

Como decorrência da seleção realizada, os pesquisadores, no conjunto de seus trabalhos, apresentaram e promoveram uma leitura crítica da vertente literária denominada literatura gaúcha ou gauchesca, segundo Goulart. E até, como sugere a estudiosa, a produção de uma pós-gauchesca, que se realiza como releitura da tradição do gênero.

Essa iniciativa crítica tem promovido uma visão transnacional da literatura produzida nesta região cultural, ou seja, segundo GOULART, há uma produção

ficcional muito mais ampla e variada que se desenvolve a partir do processo de urbanização da região.

Um dos casos de escritores tratado pela professora no referido trabalho é relativo à obra do escritor Aldyr Garcia Schlee. Nada mais oportuno nesse momento dessa monografia que considerar as reflexões críticas de Aldyr Garcia Schlee, que é um escritor bastante expressivo desta região cultural com um conjunto ficcional de diversas vertentes da literatura de fronteira, como revela Goulart em sua tese de doutorado.

Partimos para isso do artigo “Linguagem de Fronteira”, publicado na revista *Vox* (2014), onde Schlee apresenta uma reflexão sobre a literatura da Comarca *Pampeana* e também sobre o espaço que ele ocupa enquanto escritor que nela atua. Como podemos ver, o escritor considera-se com dupla nacionalidade, ou seja, como brasileiro e uruguaio. Nesse sentido, o território fronteiriço evocado por Schlee nos traz a questão não só de nacionalidades, mas também do entrelaçamento de duas línguas e cultura da região, é assim o que Brandão considera como espaço social ou território cultural.

No entanto, essa identidade cultural de fronteiriço exposta por Schlee, como ele aponta, supera o etnocentrismo, uma vez que o escritor chama a atenção também para as diferenças existentes entre as duas culturas em que convive. Com relação ao espaço social em que atua como escritor, no referido artigo, relata: “sou um tipo que, nascido na fronteira comum brasileiro-uruguaia, já andou... andou... por aí; mas nunca pode viver longe dali.” (SCHLEE, 2014, p.23).

Schlee, neste artigo aqui focalizado, refere-se ao crítico Ángel Rama, retomando seu conceito de *Comarca Pampeana*. Nesse aspecto, o escritor chama a atenção que o crítico uruguaio foi quem melhor entendeu as relações entre nação-região, ou seja, é uma fronteira geopolítica e cultural que pode ser neutralizada ou relativizada pela própria ação humana. É com essas concepções de espaço que o escritor afirma interagir nessa região cultural.

Segundo Schlee, Rama foi quem melhor percebeu que este espaço entre o Sul do Brasil, o Uruguaia e parte da Argentina tinham tendência a se transformar uma zona de compartilhamento cultural, sobressaindo-se por uma linha divisória de natureza política. Como diz Schlee:

Foi assim que, ali na fronteira, em nossa fronteira pampeana, sobressaiu, por cima da linha divisória, nossa Comarca Pampeana. Tendo todos nós,

ali, como protagonistas e testemunhas desta, digamos sobressaliência. (SCHLEE, 2014, p.24.)

Para ele, esta comarca dilui na região a ideia de nação, a fronteira geopolítica se mistura na fronteira cultural, o que torna o limite, segundo o escritor, um não limite. É assim a *Comarca Pampeana* um lugar de reencontro, circulação e de conhecimentos repartidos, e é neste movimento que o autor procura situar o espaço da obra.

Como afirma Schlee, ao fazer uma leitura crítica sobre a região, o espaço dessa fronteira, inicialmente, “trata-se de um espaço fronteiriço unificado como região típica do gaúcho e da pecuária”. (SCHLEE, p.24)

Então, segundo o autor, é bom relembrarmos que nossa região da fronteira (a *Comarca Pampeana*) foi primeiramente, como todo o Pampa, as terras sem donos de abundância e gado, espaço livre trilhado por gaudérios e gaúchos. Depois foi região da passagem e de várias lutas para manter a fronteira “e neste espaço formou-se o “gaúcho”, antes bandido, depois herói e peão rural, segundo o crítico.

Como podemos ver a partir dos autores expostos acima, o espaço é um elemento central que nos permite situar e interpretar uma obra. Conforme eles, elementos como margem, território, rede, fronteira, passagem, cartografia, buscam relacionar os tipos de espaços representados no texto literário em função de se vincularem a identidades sociais específicas e narradoras também são espaço.

Por um lado há um espaço social da obra que situa a produção e o escritor do texto. Em paralelo há o espaço social do leitor, que se modifica no tempo. Com relação ao espaço do mundo ficcional é com a voz do narrador, de diversas maneiras, que o leitor é levado aos espaços que integram uma obra. A enunciação - devido ao caráter relacional apontado por Brandão, tanto tem autonomia quanto remete para fora do texto.

Nesse caminho, como a orientadora desse trabalho dedica-se a vertente da literatura produzida nessa região cultural, na contemporaneidade, interessei-me em fazer um levantamento de escritores dedicados à literatura infantil e infanto-juvenil, com vistas a apresentar um repertório de obras desse subgênero na *Comarca Pampeana* para fins de estudo. Tal proposta aceita por minha orientadora é que tem norteado meu TCC. Apresento na etapa final dessa monografia um panorama, resultado de um primeiro estágio desse levantamento que realizei em torno de escritores que produzem nessa região cultural.

4 LITERATURA INFANTIL E INFANTO-JUVENIL NA COMARCA PAMPEANA

Neste capítulo apresentamos uma pesquisa que foi desenvolvida a partir do ano de 2017, na qual foram levantados autores da literatura infantil/juvenil produzidas na região da *Comarca Pampeana*. Para isso, situamos os escritores com uma breve biografia, obras ficcionais do gênero e contatos nas redes sociais. Esse último dado é acrescentado pelo fato de que a maioria desses escritores não tem suas obras nas grandes livrarias do estado, mas apenas em livrarias de suas cidades.

Devido ao estágio inicial da pesquisa, apresentamos aqui apenas alguns escritores que produzem na *Comarca Pampeana*, a qualidade de seus textos, bem como a atuação de seus universos ficcionais na criação do imaginário dessa região cultural ainda necessita de leitores. Com essa perspectiva, após a apresentação de um conjunto de obras da literatura infantil e juvenil, desenvolvemos a leitura de dois dos textos, destinados a faixas etárias diferentes.

4.1 AUTORES E OBRAS, UM PANORAMA

1- ADRIANA CABRERA ESTEVE é enfermeira, jornalista, escritora e ativista pelos direitos humanos uruguaios. Nasceu em 1955 em Montevideo e mora até hoje lá. Tem algumas obras, nas quais cito umas e descrevo uma em especial, *Crimen en El Puente Mauá* (2009).

-*El fantasma del cuaderno negro* (2004);

- *Guidaí en la tierra sin tiempo*, (2005);

-*Guidaí en tiempo de Piratas*, (2008);

-*Crimen en el Puente Mauá*, (2009);

- *Guidaí en un duelo a muerte*, (2012).

Dentre essas, destaco *Crimen en el Puente Mauá*, que conta a história de Mateo que pode se comunicar com sua avó falecida através dos sonhos. Ele conhece vários problemas ligados a seu passado e que tem a ver com seu presente, traz consequências para o presente. A aventura se passa na Lagoa Mirim, que fica a poucos quilômetros de Rio Branco e de Jaguarão, e refere-se a lugares da região e em especial, a Ponte Internacional Mauá. Nela, em um clima de intrigas e ameaças,

rodeado de arrozais, contrabandos, mais precisamente entre Jaguarão e Rio Branco é que ocorre um crime.

ESTEVE, Adriana Cabrera. *Crimen en el Puente Mauá*, Montevideo, Uruguay: Ediciones Trilce, 2009.

A escritora tem perfil no facebook com endereço: <https://www.facebook.com/a.cabrera.esteve>

2- CARLOS URBIM, nascido em 1948 e faleceu em 2015. Nasceu na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, mais especificadamente em Santana do Livramento, mudou-se para Porto Alegre aos 19 anos, formou-se em jornalismo na UFRGS.

Destaco algumas obras e relato uma breve história da obra *Lata de tesouros*. Teve obras significativas e de muita qualidade no gênero estudado neste trabalho, tais como: *Um Guri Daltônico*, de 1984; *Diário de um Guri*, 1992; *Lata de Tesouros*, 1993; *Saco de Brinquedos*, 1997; *Dever de Casa*, 2011, entre outros.

A obra *Lata de Tesouros* do autor, relata o personagem Carlos, que tem uma lata de tesouros, onde guarda as suas melhores lembranças, em especial as que ficaram das férias de verão em Melo, na casa da escritora Dona Juana Ibarbourou, a poeta uruguaia que inspirou a obra *Dona Juana*, 1993, do mesmo escritor. Esta novela infanto-juvenil volta com título novo e novo projeto gráfico. Uma obra que pertence à Comarca Pampeana pela linguagem e espaço presentes, essa obra já foi objeto de leitura de um trabalho de mestrado profissional de educação de nosso campus, realizado por Daniela Carine Dohs, orientada pelas professoras Cristina Boessio e Cátia Goulart em 2017.

URBIM, Carlos. *Lata de Tesouros*, ilustrações de Eloar Guazelli Filho, Porto Alegre, editora Projeto, 2012

O escritor possui um perfil no facebook que fizeram em sua homenagem, com nome de Carlos Urbim - em memória de com o endereço de:

https://www.facebook.com/profile.php?id=100001557208622&ref=br_rs

3- CYRO MARTINS nasceu em 1908 em Quaraí, em 1920 e faleceu em 1995, aos 87 anos, saiu da campanha e foi para Porto Alegre, onde lançou *O Menino vai para o Colégio*, obra que destaco e comento brevemente.

O livro *Um Menino vai para o Colégio*, trata da autobiografia da infância, onde se destaca a personalidade marcante do personagem Apolinário Martins, conhecido como Bilo Martins ou somente Bilo. Nessa novela o autor traz a velha tradição rio-grandense dos filhos seguirem os ideais paternos e fazerem disto uma questão de honra familiar, esta obra é caracterizada pela abordagem de tipos humanos e seus traços característicos. Enfim, uma novela situada no sudoeste do Rio Grande do Sul fronteira com o Uruguay que trata sobretudo da vida do jovem que sai de casa para enfrentar o mundo.

MARTINS, Cyro. *Um Menino vai para o Colégio*, Porto Alegre, editora: CELP Cyro Martins: Corag, 2008

Contatos para saber mais sobre suas obras:

www.cyromartins.com.br , email: cyromartins@cyromartins.com.br.

4-FRANCISCO ESPÍNOLA, mais conhecido como Paco Espínola, nasceu em 1901 e faleceu em 1973, de Montevideo. Escreveu várias obras, mas na área estudada destaco a obra: *Saltoncito* (1930).

Considerando o escritor da obra desde sua primeira edição conquistou a imaginação e fantasia das crianças uruguaias. Deu uma visão moral da vida as crianças, uma apreciação humana dos conflitos da existência, uma paisagem, uma flora ou fauna, uma linguagem e uma sensibilidade fundamentalmente marcados pela nacionalidade, segundo o apresentador do livro.

ESPÍNOLA, Francisco. *Saltoncito*, Montevideo, Arca,1991

Encontramos algo sobre o autor no Wikipedia, através do endereço: [HTTPS://es.m.wikipedia.org/wiki/Francisco_Espínola](https://es.m.wikipedia.org/wiki/Francisco_Espínola).

5-HÉLIO RAMIREZ, nasceu no ano de 1952 em Jaguarão e vive até hoje nesta cidade, escritor e biólogo por formação, músico e poeta, mas acima de tudo um grande apaixonado pela natureza e as pessoas pertencentes à região da *Comarca*

Pampeana (Sul do Brasil, Uruguai e parte da Argentina). Nesta pesquisa destaco *Leyendas del Río Yaguarón ou Lendas do Rio Jaguarão*, livro bilíngüe, esta obra é a primeira inclusão do autor no campo da literatura, pois ele já tinha publicado alguns livros, mas com enfoque em sua formação profissional.

Lendas do Rio Jaguarão traz contos que destacam a região entre Jaguarão e Rio Branco, também entre a Lagoa Mirim ou no Taquari, dentre esses contos, destaco: “O Jaguar Grande”, “A Tropolha”, “Contrabando”, “La Campana”, “O tesouro de Garibaldi”, “A ‘volta’ do negro morto”.

RAMIREZ, Hélio. *Lendas do Rio Jaguarão/ Leyendas del Río Yaguarón*, Pará de Minas, MG, editora VirtualBooks, 2011.

Para entrar em contato com o escritor, basta acessar:

email: ramirezbio@bol.com.br ;

blogs: [HTTP://helioramirez.blogspot.com/](http://helioramirez.blogspot.com/) [HTTP://institutomeridiomalis.blogspot.com](http://institutomeridiomalis.blogspot.com).

6-JAIME VAZ BRASIL, é psiquiatra e escritor. Nasceu na cidade de Bagé e mora atualmente em Porto Alegre. É diretor técnico e docente do Instituto Fernando Pessoa, em Porto Alegre. Recebeu prêmios literários e em festivais de música, entre eles, o prêmio Açorianos de literatura e o prêmio Felipe d’Oliveira.

Alguns de seus poemas foram musicados, e tem livros que tem seus poemas em um cd, e para nosso gênero cabe destacar a obra “*Pandorga da Lua*” (2005), livro infantil que foi o primeiro musicado com poemas e a partir de ritmos que convivem na região da *Comarca Pampeana*, como o xote, a vaneira e o bugiu e teve grandes nomes do cenário musical gaúcho e brasileiro, como Geraldo Flach, Luiz Carlos Borges, Mano Lima, Renato Borghetti e Yamandú Costa.

BRASIL, Jaime Vaz. *Pandorga da Lua*, músicas de Ricardo Freire, ilustrações de Paula Mastroberti, Porto Alegre: WS editor, 2005.

O autor possui um site oficial que é WWW.artistasgauchos.com.br/jaime/?pg=2708 , seu email é jaimvazbrasil@gmail.com .

7-JUAN JOSÉ MOROSOLI, foi um escritor uruguaio, que nasceu em 1899 e faleceu em 1957 e teve como obra-prima *Perico*, um clássico da literatura infantil uruguaia, se trata de uma coleção de contos infantis, suas obras estão centradas no homem do campo e seu ambiente rural ou de povo pequeno. A solidão, a morte, os personagens simples e humildes, a transição entre o gaúcho e o campesino, estabelecido muitas vezes em condições miseráveis, formam parte dos relatos breves do autor.

Destaco a obra *Perico*, que é da literatura infanto-juvenil, traz dezoito contos para crianças, Morosoli relata para a criança, em um estilo sombrio e poético, hábitos e costumes do campo uruguaio. Na edição que comento, são incluídos dois novos contos.

MOROSOLI, Juan Jose. *Perico*, Montevideo, Prisma Ltda (1991).

Para saber mais sobre o estudioso, buscamos no Wikipédia com endereço de: [HTTPS://es.m.wikipedia.org/wiki/Juan_José_Morosoli](https://es.m.wikipedia.org/wiki/Juan_José_Morosoli) .

8-JULIO C. DA ROSA, nasceu em 1920, na cidade de Treinta y Tres e faleceu em 2001, foi um dos mais destacados representantes da geração de 45, em *Buscabichos* (1970) resgata uma obra de graça e fluidez narrativa destinada ao público juvenil. Integra diversas instituições vinculadas a cultura e a educação.

Destaco duas obras dele, e cito algumas, entre as quais: *Busca bichos* (1971), *Gurises y pájaros* (1973), *Yunta brava* (1990).

As duas obras que chamo a atenção nesta pesquisa são: *Busca bichos*, 1970 e edição de 1994, são histórias que versam sobre a convivência de um menino e os animais que lhe rodeiam na infância. Onde vacas leiteiras, cachorros barulhentos, ovelhas, cabritos e cavalos se mesclam a pássaros das mais variadas plumagens, insetos e roedores. Enfim, sua obra tem como espaço o ambiente rural, com animais

típicos da *Comarca Pampeana*, visto com o olhar de um narrador adulto que rememora o tempo de sua meninice.

ROSA, Julio Cesar. *Busca Bichos, ediciones de la Banda Oriental*, Montevideo, editora Prisma Ltda (1994).

ROSA, Julio Cesar. *Busca Bichos, ediciones de la Banda Oriental*, Montevideo, editora Prisma Ltda (1970).

Para encontrar informações sobre o escritor, buscamos no Wiikipedia pelo endereço: [HTTPS://es.m.wikipedia.org/wiki/Julio César da Rosa](HTTPS://es.m.wikipedia.org/wiki/Julio_César_da_Rosa) .

9-LEONARDO BRASILIENSE, nasceu em São Gabriel, Rio Grande do Sul, em 1972. Formou-se em Medicina e atuou na área de psiquiatria. Trabalhou como técnico do tesouro Nacional, na secretaria de Receita Federal, e atualmente exerce o cargo de Auditor Fiscal da Previdência Social, no Instituto Nacional do Seguro Social.

Colaborou com o jornal A Platéia, de Santana do Livramento, escrevendo a coluna “Conte outra vez...”, e com o Jornal da Semana, também de Santana e com as colunas *Corpos sem pressa* e *O sapo do brejo* entre outros.

Destaco três obras do escritor: *Desatino*, (2002); *Meu Sonho Acaba Tarde*,(2000) e *adeus conto de fadas* (2006). A primeira obra *Desatino* é um livro de contos, que brincam seriamente com o destino, cujo compromisso estético persiste no modelo em que a estranheza e o reverso das coisas é uma constante. Já, a segunda obra, *Meu sonho acaba tarde*, tem histórias que transitam por uma área crepuscular, histórias de amores e de espantos, de mortes cotidianas e vidas precárias. A terceira obra chamada *adeus conto de fadas*, traz diversos mini contos tratando da realidade dos adolescentes, seu cotidiano, dúvidas, que caracterizam a literatura infanto-juvenil, conforme está exposto em seu site. É dessa obra que extraímos um mini conto que será analisado ao final deste trabalho.

BRASILIENSE JUNIOR, Leonardo da Silva. *Desatino*, Porto Alegre: Sulina, 2002.

BRASILIENSE JUNIOR, Leonardo da Silva. *O meu sonho acaba tarde*, Porto Alegre: WS Editor, 2000.

BRASILIENSE JUNIOR, Leonardo da Silva. *adeus conto de fadas*, Porto Alegre: 7letras, 2006.

O escritor tem um site com nome de: www.leonardobrasiliense.com.br, email: lbrasiliense@uol.com.br.

10-LUIZ CORONEL, é um escritor, compositor e publicitário brasileiro. É cidadão emérito das cidades de Porto Alegre e de Piratini. Nasceu em 16 de julho de 1938, na cidade de Bagé. Com mais de setenta obras, recebeu prêmios no Brasil, Espanha e México e possui edições traduzidas para o inglês e o alemão.

Tem uma coleção com obras infantis dentre as quais destaco algumas e após analisarei uma em especial, *Saturnino desce ao Pampa*, (2013).

-*Ave Fauna*, de 1998, recebeu o prêmio da revista mexicana Plural;

-*A eleição dos Animais*, de 2010;

-*Declaração Universal dos Direitos Animais*, de 2011, teve capa e ilustrações do colombiano Pedro Lopes;

-*O dia da inauguração do Mundo*, em 2012.

-*Saturnino desce ao Pampa*, em 2013.

-*Negrinho do Pastoreio*, em 2014.

-*Dom Quixote, memórias de um cavaleiro andante*, em 2015.

-*Venturinha, o amigo do vento*, lançado em 2016.

Vou relatar um pouco sobre três das obras do autor da coleção Esquilo, após analisarei a obra escolhida comentada anteriormente.

Um livro do autor que destaco é *Dom Quixote, Memórias de um Cavaleiro Andante*, já neste livro traz a história que tanto conhecemos de Dom Quixote, porém com uma linguagem sulina, leve, solta. Como diz o autor: “ Temos um sentimento gaudério que nos faz perceber em nossa alma *pampeana* muito da visão de mundo de Dom Quixote”.

Outro livro de Coronel que relato um pouco é *Declaração Universal dos Direitos dos Animais*, neste livro tem a imagem e o texto falando da fauna que habita nossos campos, bosques, jardins, florestas e também nossos lares.

O último livro que relato do autor é *O Negrinho do Pastoreio*, conta a lenda tão conhecida do Negrinho do pastoreio, mas representando a criança gaúcha de tudo o que ela vivenciou no período colonial. Então nos mostra os caminhos de nossa tradição, uma belíssima obra da nossa literatura infantil da Comarca Pampeana.

CORONEL, Luiz. *Saturnino desce ao Pampa*, Porto Alegre, editora L PM, coleção Esquilo 2013;

CORONEL, Luiz. *Dom Quixote, Memórias de um Cavaleiro Andante*, Porto Alegre, editora L PM, coleção Esquilo, 2015;

CORONEL, Luiz. *Declaração Universal dos Direitos dos Animais*, Porto Alegre, editora L PM, coleção Esquilo, 2011;

CORONEL, Luiz. *Negrinho do Pastoreio*, Porto Alegre, editora L PM, coleção Esquilo, 2014.

Por fim, Luiz Coronel tem um site próprio pelo endereço de www.luizcoronel.com.br , email: luizcoronel@agenciamatriz.com.br .

11-MARILU DUARTE, poeta, contista, cronista, fotógrafa. Tem peças infantis, nasceu em Jaguarão em 1947, mora atualmente em Pelotas e Jaguarão. Possui um acervo quantitativo de fotos da cidade e postais. Publicou seu primeiro livro em *Tente, crie, invente* em 1992. Destaco também da escritora, o livro *Brincando de faz de Conta* (1996), na qual a escritora reúne poesias, pensamentos, poemas para debutantes, peças de teatrinho de fantoches, peças de teatro infantil, crônicas e pensamentos em Espanhol. Esta obra foi criada em parceria com os alunos da escola Nelson Wortmann, projeto este que participei, pois apresentamos a peça “*A Bruxinha que queria ser amada*”, nas cidades de Jaguarão e Rio Branco, no

Uruguai, peça esta que está incluída nesta obra. Foi ótimo, lembro até hoje com carinho e admiração a esta grande artista. Era uma história de uma bruxinha que não era má e não se conformava com a maldade das pessoas, fugiu para o planeta terra, e tentou ensinar o bem aqui.

DUARTE, Neuza Marilu. Tente- Crie e invente. Pelotas: Viza editora, 1992.

DUARTE, Neusa Marilu. Brincando de faz de conta. Pelotas: Viza editora, 1996.

A escritora tem face com endereço de:

<https://www.facebook.com/profile.php?id=100000215739051>

12-RAUL MAXWELL nasceu em Cacequi, em 1962, e mora atualmente em Santa Maria. Seu pai foi a sua grande inspiração, lia o jornal todos os dias para ele que, com o hábito da leitura, começou a ler com cinco anos. Teve influência musical de ícones como Zeca Baleiro, Chico Buarque, Milton Nascimento, entre outros. Em 1983 foi estudar na UFSM, morando em Santa Maria, foi então que conheceu o músico Renato Mirailh, se dedicou a compor as músicas que o amigo musicou e trabalharam em parceria.

Maxwell diz que “compor para crianças me faz ter mais cuidado com as letras, elas aprendem muito cantando e o retorno delas, se gostaram ou não, é muito rápido”. Destaco, neste levantamento, três obras do autor: *Piquenique de Palavras*, *Baú*, *Brasil Criança* e *Barquinho de Papel*. As três obras são acompanhadas com cd e têm poemas/letras musicadas para a criança acompanhar a leitura e assim poder desfrutar muito mais.

Piquenique de Palavras é um livro de guloseimas poéticas de Raul Maxwell, que se utiliza de ritmos do Rio Grande do Sul para contar as histórias de cada poesia, arranjo fantástico e muito interessante para todas as crianças, vem com um cd com todas as poesias musicadas.

Baú, *Brasil Criança* é uma obra que busca a ideia de uma caixa de pandora ao inverso, onde reinem os bons sentimentos, a puerilidade na sua melhor essência, e principalmente, onde a esperança se mantenha protegida. A criança através deste baú que está em seu coração embarca numa viagem ao mundo da imaginação, dos

sonhos e objetos da infância que afirmam a identidade brasileira, mais especificadamente, gaúcha. Acompanha um cd com canções das poesias.

Barquinho de Papel é uma aventura de Nina e seu cão, que partem em um barco do Chuí ao Oiapoque, em busca de água pura para acabar com a poluição de água no mundo. Passam por rios, lagos e oceanos, onde encontram amigos novos, entre animais e pessoas, que se preocupam com a preservação da natureza, um livro que reúne a prosa, a poesia, a ilustração e a música, através de um cd no final da obra.

O autor possui face com nome Raul Maxwell, no qual entrei em contato com ele e tive resposta positiva, ficou curioso e encantado com a pesquisa e se colocou a disposição caso precisasse de ajuda.

MAXWELL, Raul. *Piquenique de Palavras*, música e poesia de Marcelo Schmidt, ilustração de Vinicius Capiotti Fagundes, Santa Maria: [s.n.], 2015.

MAXWELL, Raul. *Barquinho de Papel*, música de Marcelo Schmidt e ilustrações de Gabriel Coser, Porto Alegre, WS editor, 2006.

MAXWELL, Raul. *Baú, Brasil Criança: um tesouro musical*, poesia e música de Marcelo Schmidt, ilustração de Matheus Tanuri Pascotini e Augusto Zombanato. Santa Maria: [s.n.], 2014.

Endereço de contato: <https://www.facebook.com/raul.maxwell.9> .

13-SILVIO NUNES, um escritor que nasceu em Arroio Grande, nossa cidade vizinha, lá pelas décadas de 70. Atualmente, mora em Jaguarão. É filho de agricultores, sempre se encantou com a natureza e os humanos. Enquanto escritor essa sempre foi sua motivação – a beleza do mundo – inclusive as coisas menos importantes (como o ralo do chuveiro, por exemplo). Atualmente escreve cordéis, com eles tem se divertido muito, neles realiza o sonho de recontar os causos que seu avô, Pedro Mentira, que era um contador de histórias de mão cheia. A vida do autor, segundo ele mesmo, é metade fantasia e a outra metade também, porque para ele, isso é poesia, uma fantasia que o pessoal chama de realidade. Silvio é funcionário público da Unipampa e graduando em Letras na mesma universidade. Além da produção

que destacamos, o escritor possui outras, tratam-se de oficinas e práticas docentes, com cordéis produzidos junto aos alunos, que é um material muito interessante. Ele tem um material ótimo para trabalhar em um estágio, por exemplo. Relatamos aqui a lista completa de cordéis do artista:

- 1- *Se a Caturrita Usar Bigode eu Acredito*, 2014;
- 2- *O Mistério das Abóboras que Tinham Bunda*, 2014;
- 3- *Se te Pego te Agarro e te Mato*, 2014;
- 4- *Pedro, O Inventor da Roda - de Afiar*, 2014;
- 5- *Uma Mentira do Outro Mundo*, 2015;
- 6- *Pedro, O Senhor do Anel*, 2015;
- 7- *As Cantorinhas do Pedro Mentira*, 2015;
- 8- *O Dia que o Pedro Mentira Encontrou o Nêgo Rastilho no Inferno*, 2015;
- 9- *A Arca do Pedro Mentira e o Minto do Jaguarú*, 2015;
- 10- *Um dia com Poema*, 2015;
- 11- *O Grande Prêmio de Cancha Reta do Arroio Grande*, 2016;
- 12- *Cão que Muito se Coça é Purgatório*, 2016 ;
- 13- *As Profecias do Pedro Mentira para o Fim do Mundo*, 2017;
- 14- *As Arteirices do Pedro Mentira na Unipampa que Viraram TCC*, 2017;
- 15- *Darci Amauri Ribeiro - O Irmão dos Cavalinho*, 2017;
- 16- *La Maestra del Pedro Mentira*, 2017;
- 17- *Pedro da Lua*, 2017;
- 18- *A Peleja do Mário Quintana com o Manoel de Barros no Céu*, 2018;
- 19- *Una Historia de Coraje en la Frontera*, 2018;
- 20- *O Caso da Virgem da Tapera*, 2018.

Destacamos nesta pesquisa duas obras: *A Arca do Pedro Mentira e o Minto do Jaguarú*, 2015 e *As Arteirices do Pedro Mentira na Unipampa que Viraram TCC*, 2017. Esta última usada em seu Trabalho de Conclusão de Curso, no qual tratou de cordéis e os casos de seu avô Pedro Mentira e o desejo do personagem de estar no cerimonial de formatura.

A primeira obra, de 2015, conta quando Pedro Mentira se envolveu em peripécias com um peixe, pois no caso ele também foi pescado, só que por uma traíra, que serviu como uma espécie de âncora para Pedro Mentira e seu cusco, que estavam boiando encima de uma mesa, durante uma enchente. Se não fosse o peixe a salvá-los Pedro Mentira se perderia de sua família. Enfim, obras fantásticas,

cheias de realismo mágico, encantamento, histórias extraordinárias que podem ser trabalhadas em sala de aula com os jovens adolescentes.

4.2 LEITURA DE TEXTOS FICCIONAIS

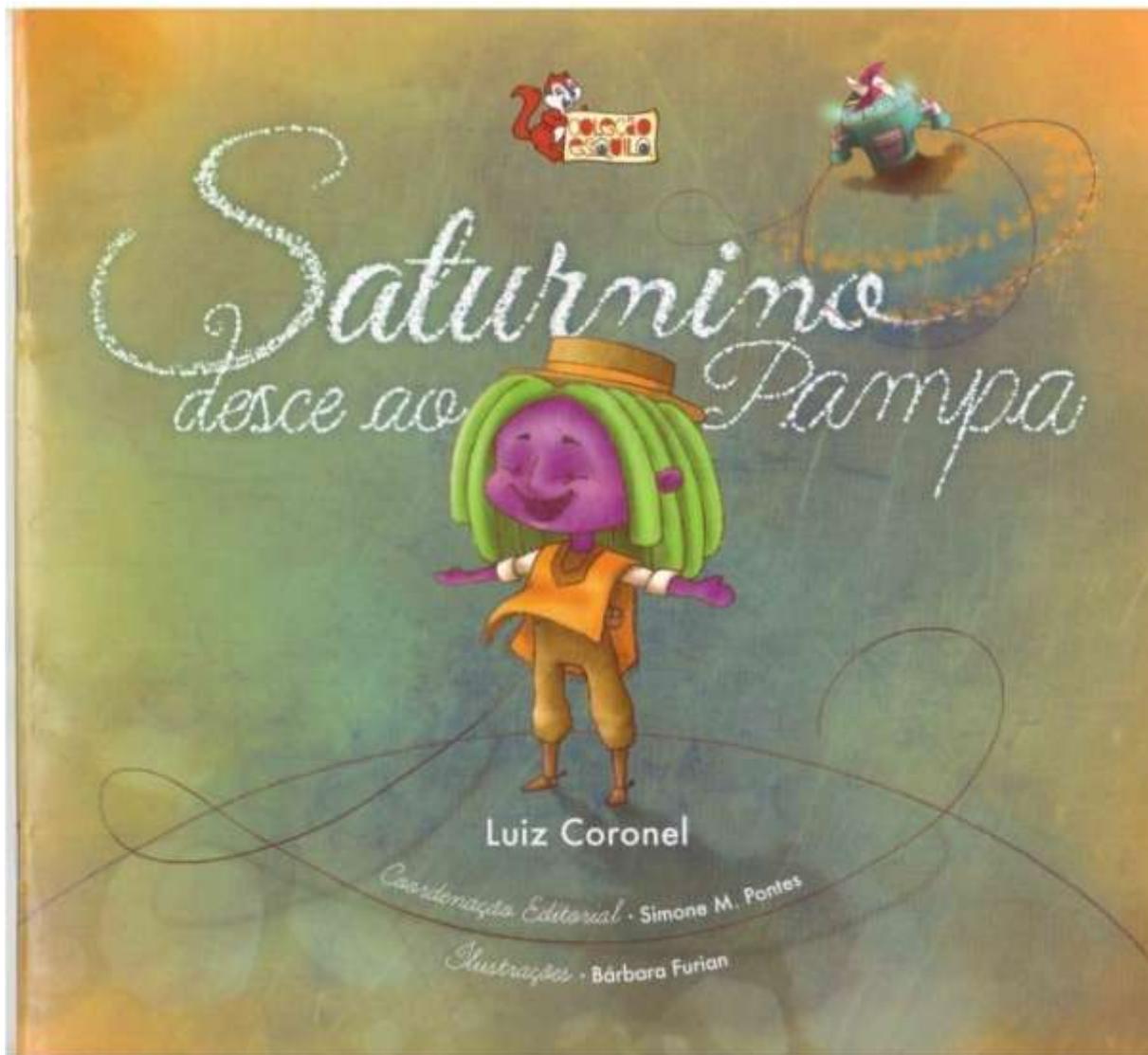
Passamos, a partir deste momento, a analisar duas das obras pesquisadas, das quais escolhemos: *Saturnino desce ao Pampa* (2013), de Luiz Coronel e Bárbara Furian; e o mini conto “Amizade”, do livro *Adeus contos de Fadas* (2014), de Leonardo Brasiliense.

Para etapa final deste trabalho apresentamos primeiramente uma leitura do livro *Saturnino desce ao Pampa* (2013) de Luiz Coronel e Bárbara Furian.

Uma obra que lida com elementos fantásticos, pois um menino extraterrestre, Saturnino, desce a terra, mais precisamente no Pampa do Rio Grande do Sul. A personagem espacial se junta aos “piazinhos” da campanha gaúcha e vive com elas algumas aventuras com novas experiências culturais. Um texto literário que, considerando suas estratégias de composição, orienta/conduz o leitor aos referentes da *Comarca Pampeana*, tanto pelo espaço em que convivem as personagens, quanto pela linguagem.

Começamos a leitura da obra pela capa e por uma análise do projeto gráfico como integrante do texto infantil, como nos orientam os críticos antes aqui tratados. Por exemplo, para Gregorin, os recursos verbais e visuais, assim como a escolha de temas e linguagem, têm o propósito de fazer o leitor crer estar em contato com discursos que circulam no universo infantil. Ou seja, os elementos do texto não verbal jogam com os verbais e como podemos apreciar essa obra de Coronel e Furian já a partir de sua capa é muito rica para refletirmos sobre a literatura infantil na comarca pampiana.

Figura:



O próprio título do livro -*Saturnino desce ao pampa* - sugere dois espaços referenciais - Saturno e a *Comarca Pampeana*. Quanto à imagem o personagem Saturnino, que é uma criança extraterrestre, é multicolorido, remetendo à alegria do mundo infantil e ao espaço territorial de outro planeta, Saturno. Outros elementos presentes na capa do livro, como a vestimenta do personagem, remetem ao Pampa, dentre eles o pala curto, o tipo de chapéu, bem como a bombacha, as botas e as esporas.

Também na capa é sugestivo um laço solto que parece vincular Saturnino a sua nave e ao solo, esse provavelmente do pampa. Esse mesmo traçado, como se fosse um laço aparece em várias páginas da obra, o que nos leva a considerar os vínculos que estão sendo feitos entre uma cultura, a de Saturnino, e a outra, a qual ele está experimentando aqui na Terra. Ou ainda, mais precisamente uma sugestão

das aproximações possíveis entre a cultura infantil de Saturno e a do Pampa gaúcho. Outro elemento na parte visual é a letra ou fonte utilizada para o título, também um indício do universo infantil aprendido em nossas escolas porque é como se essa letra fosse toda pontilhada, parecida com o que as crianças exercitam/aprendem nos primeiros anos na escola, contornando desenhos e palavras pontilhadas, pode também remeter a fumaça da nave.

Sabemos que ao que diz respeito à literatura infantil, a capa é fundamental e é muito importante que seja colorida, bem produzida, pois é ela que atrai o leitor, uma vez que, ela é o que primeiramente chama a atenção das crianças ou jovens, como nos ensinam os críticos anteriormente aqui resenhados.

Ao abrimos o livro de Coronel, ilustrado por Bárbara Furian, temos a ideia de movimento, através de uma linha de “cataventos de papel” desenhados sucessivamente, que nos remetem a brincadeiras infantis, talvez de muitas culturas. Iniciando propriamente a leitura da sequência narrativa podemos observar que na primeira página temos a mesma nave da capa com um pequeno ser, talvez pela distância e altitude no espaço, descendo ao solo por uma corda ou um laço. Da nave colorida está descendo com um catavento na cabeça, o mesmo catavento que está sobre a nave nas páginas iniciais do livro e nas finais, bem como na cabeça do protagonista na página inicial. Posteriormente, seguindo a sequência narrativa visual é como se a nave o deixasse no ar, pois Saturnino desce flutuando com aspecto de feliz em uma página em que há também balões multicoloridos, aspectos que reforçam a leveza do movimento do personagem.

Em outro momento da sequência narrativa (página 8), temos soltos elementos vinculados ao universo da cultura gauchesca como o laço, lenços vermelhos, relhos, lanças. Mas junto a estes elementos está uma caneta diferente, de Saturnino, “uma caneta que só escreve no espaço”. (p.8). Essa disposição na folha sugere que assim como o menino extraterrestre conhece elementos da cultura da *Comarca Pampeana*, ele também apresenta alguns da sua. Outro objeto, trazido como presente pelo menino extraterrestre, muito revelador, é um espelho onde: “cada um vê refletido o que tem dentro de si”. (CORONEL; FURIAN, 2013,p.8).⁶

Com esse espelho “mágico”, não só é reforçado o elemento fantástico na narrativa, quanto através dele as personagens adultas são reveladas,

⁶ CORONEL, Luiz. *Saturnino desce ao Pampa*, Porto Alegre, editora L PM, coleção Esquilo 2013; Todas as demais citações deste livro, lançaremos apenas a numeração.

“desmascaradas”: o desmatamento da região, o assoreamento dos rios e a contaminação das águas .

Era muito bom de ver
Desmatadores recentes,
Vendo os ninhos derrubados,
Escapulir qual serpentes. (p.11)

Diante dessa descoberta da degradação feita por adultos da região, Saturnino usa seus poderes para alterar a situação. Saturnino então joga um pó mágico que limpa todos os rios, o que fez com que todas as pessoas o aplaudissem, ou seja, ele recebe uma aprovação por parte de todos. Ainda exercendo seus poderes extraordinários, ou mágicos, onde havia seca Saturnino fez chuva.

Jogou pó de chafariz
Nas águas turvas do rio.
As águas dançaram límpidas,
E toda gente aplaudiu.

Onde o campo está seco
E de sede as vacas magem,
Saturnino fez chover
Com espingarda de nuvem. (p.31-32)

Encantado com o movimento do sol, o menino extraterrestre guarda as sombras dos outros meninos em um saco. Aliás, esta atitude dele lembra uma brincadeira antiga do interior e da campanha de muitos de nossos avós, na qual corriam e tentavam pisar na sombra do outro.

Nesse caminho de descobertas, o protagonista passa por outras diversas situações culturais, espantando-se e divertindo-se no campo, em festas típicas da região e com animais até então desconhecidos para ele, nos deteremos aqui em alguns desses momentos de descoberta.

Com relação à cultura da pampa ele se diverte com músicas e danças. Já na contracapa aparece um baile com vários gaúchos e prendas dançando e Saturnino também tentando dançar. Coisa que os demais acharam engraçado, pois o menino ao pular a lança da chula, flutuava no ar. Outro elemento do baile destacado no livro é a presença de um gaiteiro que tocava músicas que surpreendiam Saturnino já que em seu planeta, nos diz o texto, não tem música.

Vicentino abriu a gaita,
Saturnino deu cambotas.
Nos silêncios de Saturno,
Não se ouve uma só nota.(p.17)

Também com relação à alimentação a narrativa nos traz contrastes culturais e interação entre os dois mundos. Saturnino, segundo o “narrador-eu poético”, cansou dos “comprimidos” (p.36) de seu planeta e apaixonou-se por alimentos terrestres como pastéis e favo de mel.

-Já chega de comprimidos!
Quero dúzias de pastel.
Não há sabor neste mundo
Melhor que um favo de mel.(p.36)

Encantado com a comida e com as brincadeiras tão recorrentes na *Comarca Pampeana*, Saturnino parece contrapor a sua cultura alimentar de Saturno, onde tudo se controla.

Em Saturno não se brinca,
O rigor tudo controla.
Aqui levantou pandorgas,
Fez de tudo, jogou bola.(p.38)

Expandindo da cultura para outras situações da natureza da terra, diante do som de uma tormenta nosso protagonista assusta-se fortemente, afinal ele tem muitas antenas e é todo elétrico. Mas rapidamente Saturnino recorre uma espécie de para raios para proteger-se e, rapidamente, como qualquer criança, passa para outras estripulias, pulando no riacho com outro menino que está agarrado em um pelego. Essa, outra diversão antiga das crianças dos campos do sul.

Esse deslizamento riacho abaixo os leva a cruzar por um andarilho, um sujeito social historicamente frequente na região do pampa. Talvez, novamente o autor faça uma alusão à condição de degradação do pampa, o homem que vive de changas, biscates, provocando uma reflexão sobre a degradação da natureza e do ser humano.

Retomando as reflexões de Zilberman (2003) observamos que o texto promove na personagem infantil um conhecimento de si mesmo e uma atitude sobre seu novo ambiente. Ainda que mais uma vez o menino extraterrestre recorra à magia e presenteie o andarilho com uma jaqueta alada, o que lhe permitiu sair voando como passarinho.

Zé da Estrada, o andarilho,
Ganhou em seu caminho
Uma jaqueta alada.
Saiu que nem passarinho. (p.28)

Em outro momento do texto, quase ao final, aparecem imagens da lua e do sol, ambos sorrindo um para o outro, como a sugerir dois elementos que diferentes, mas complementares, como são também as crianças - pessoas- de diferentes planetas. Uma estratégia textual que podemos considerar sugestiva de aprendizagens, promovida pelo texto. Ou como nos alertou Zilberman ao retomar *Candido*, a função formadora da literatura infantil não deve ser confundida com uma missão pedagógica, como bem vemos na obra em análise. Afinal o texto possibilita o conhecimento de uma nova cultura para Saturnino, que transita entre suas autodescobertas e atitudes frente a elas, aspectos que nos levam a refletir sobre a potencialidade do texto infantil provocar uma emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita de todo texto literário, como nos diz o crítico.

Talvez por isso a sequencia narrativa chegue ao seu final remetendo novamente o olhar do leitor à nave e ao deslocamento do menino retornando ao céu todo pilchado, situação muito semelhante à da capa. Personagens, espaço, ações, alimentos, brincadeiras e animais sugeridos pelo texto verbal e não verbal e seus vínculos com a *Comarca Pampeana* e ao universo infantil, buscamos ressaltar nessa primeira etapa de leitura da obra.

Outro elemento fundamental, especialmente em uma obra infantil, como alertam os críticos, é o tratamento com a linguagem, nesse aspecto Sandroni (2003) nos alerta que os estudos da psicologia infantil e dos níveis de aprendizagem de linguagem, atuaram tanto na produção ficcional quanto no processo de educação. Por isso, nesse momento do trabalho, nos detemos no texto verbal, de *Saturnino desce ao pampa*.

O escritor constrói uma sequência narrativa a partir de uma linguagem poética, pois vemos que o texto é escrito em versos, esses todos em quartetos e com uma estrutura de rimas, elementos que atuam na melodia e facilitam à memorização por parte do leitor, sobretudo pequeno.

Estes jogos de linguagem que é usado pelo escritor, como no exemplo abaixo, entre a sonoridade da palavra cem e do cem botões é rico, provoca no seu leitor à reflexão diversa: se é com ou sem botões, assim como a relação entre as grafias e o sentido das palavras. Ou seja, Coronel ensina a sentir, pensar e refletir, brincando com as palavras e também desperta a curiosidade da criança e a busca por novos saberes.

No lado esquerdo do peito,

Um painel com cem botões.
Cinge o botão da alegria,
Saltam fogos e balões.

Ante adagas e discursos,
Lanças, lenços, relhos, laços,
Ofertou uma caneta
Que só escreve no espaço. (p.7-8)

Com relação ao vocabulário, o texto tanto procura aproximar-se do mundo infantil quanto da cultura do pampa gaúcho. Como vemos nessas duas estrofes, há palavras que carregam consigo imagens fortes da cultura gaúcha, enquanto outras sugerem a magia infantil. E ainda revelam ainda o jogo criativo do escritor entre uma linguagem próxima ao universo infantil, mas que está também marcada pelo exercício do adulto. Com relação a esse aspecto, podemos ver que verbos como cingir e ofertar ou advérbio “Ante”, levam o leitor em uma linguagem mais do universo adulto.

Ao que se refere aos vínculos entre o vocabulário e o espaço, como nos esclareceu Brandão (2015), no texto anteriormente resenhado, a linguagem é espacial porque é composta de signos que possuem materialidade. Ele nos diz nesse sentido que a palavra tanto remete ao universo da criação, quanto provoca uma sensibilidade que afeta os sentidos humanos ao provocar a visualidade, sonoridade e uma dimensão tátil do signo verbal, ou palavra é espaço tanto pelo espaço que ocupa na página ou no ar quanto pelo componente social - geográfico e histórico que carrega. A partir de uma perspectiva relacional já citada “o ‘corpo’ não pode ser considerado nem como manifestação autofundante, nem como noção autoevidente” (BRANDÃO, 2015, p.65) e essa compreensão tem nos orientado na leitura da obra. Afinal, como leitoras, selecionamos a obra de Luis Coronel primeiramente porque nasceu e publica nessa região cultural, em uma região que , como apontou Schlee, foi percebida pelo crítico uruguaio Angel Rama como um espaço entre o Sul do Brasil, o Uruguay e parte da Argentina com fortes tendências a se transformar em uma zona de compartilhamento cultural. Luis Coronel parece ir nesse caminho com sua criação.

Ao analisar o narrador de *Saturnino desce ao pampa* vemos que, a partir de uma linguagem poética, ele revela seu espaço. Afinal “o narrador é também um espaço”, nos diz Brandão, e no caso dessa narrativa poética, o narrador situa-se no pampa, especialmente pela linguagem que usa. Sua voz não é intradiegetica, ou seja, não participa diretamente com as crianças.

Como podemos ver ao longo dos exemplos anteriormente citados com partes do texto literário, a linguagem constantemente marca sua referência espacial e provoca uma visualidade poética. Ainda nesse sentido, a estrofe que segue abaixo, com vocabulário como “reboliço” e “piazada” bem exemplificam:

Ao descer da motonave,
Foi aquele reboliço:
Saturnino e a piazzada
Montados nos seus petiços. (p.13)

O mais expressivo de toda a obra é a troca de culturas, em sentido duplo, e também o fato de que Saturnino conheceu não só aspectos positivos dessa nova cultura, quanto o lado negativo - a seca, o desmatamento- enfim realidades que foram abordadas neste livro infantil. E ao final, quando pensamos que Saturnino queria ficar, ele vai contente cheio de presentes para a sua casa, afinal por melhor que seja a cultura a terra do outro, não tem nada que seja igual a nossa casa. Assim como nós, viajamos, conhecemos várias culturas, mas sempre desejamos voltar pra casa.

Quando nos referimos ao universo da criação, relacionamos o texto e seus contextos, ou seja, o espaço ficcional do Pampa tão expressivo nessa narrativa poética remete o leitor a sentir e pensar e a considerar o criador do texto. O livro *Saturnino desce ao Pampa* (2013) do Luiz Coronel e da Bárbara Furian, lançado pela editora Mecenaz, de propriedade de Luiz Coronel, um escritor de Bagé e com longa produção na área da literatura gauchesca, conforme apontado anteriormente, nos permitem situar a obra como literatura infantil na *Comarca Pampeana*. Afinal, retomando novamente a outro ficcionista e crítico da região, Schlee:

Foi assim que, ali na fronteira, em nossa fronteira pampeana, sobressaiu, por cima da linha divisória, nossa Comarca Pampeana. Tendo todos nós, ali, como protagonistas e testemunhas desta, digamos sobressaliência. (SCHLEE, 2014, p.24).

Outro livro que abordaremos aqui, para concluir este trabalho, está situado na área de literatura juvenil da *Comarca Pampeana*. O miniconto “Amizade”, da obra *adeus conto de fadas* (2006), do escritor Leonardo Brasiliense, de São Gabriel é feito por um gênero que tem sido recorrente entre muitos escritores contemporâneos, conforme aponta uma das principais estudiosas da literatura brasileira contemporânea, Beatriz Resende (2008).

Essa estratégia narrativa de compor em minicontos, nanocontos, está associada à dinâmica da vida atual, aos recursos e limites dos aplicativos como WhatsApp e Instagram porque favorecem a circulação rápida de textos com poucos caracteres e por isso muitos escritores, atentos principalmente nos jovens têm investido nesse gênero. Ainda segundo a estudiosa, esse gênero literário, apesar de curto tem também muita qualidade. Características essas que podemos ver em “Amizade”, miniconto de Brasiliense. O texto traz um relato de uma relação de submissão de um jovem por outro. A narrativa traz vários elementos da literatura juvenil, podemos ver isso pelo tema, pela linguagem, bem como pelas expressões usadas pelo narrador que mobiliza uma imagem de leitor adolescente.

A primeira frase do texto já indicia que o narrador-personagem é um adolescente: “O meu amigo Robertão é o cara”. (BRASILIANSE, 2006, p.29). Além da presença do narrador intradieético, essa passagem revela, pela linguagem também uma aproximação com adolescentes, uma vez que diminutivo e aumentativo são freqüentes entre os jovens para qualificar pessoas, objetos. Ainda com relação à linguagem dos jovens vemos os sentidos que adquirem expressões como “Traça todas” e “pega leve”.

Além disso, o tema das relações entre os jovens que se desenvolve na sequência narrativa traz ao leitor – jovens e adultos- a situações recorrentes no universo adolescente. A dificuldade de relações, tão recorrentes nesse universo é vista aqui pela dependência, a admiração e, inclusive, a submissão do narrador-personagem em relação ao “amigo”. Tal condição é revelada por vários argumentos expostos por parte do narrador. Como mostra o exemplo: “Traça todas, e tem o respeito de todos. Andando com ele, fico garantido”, p.29.

E ainda: “Os piás não se metem comigo, e de vez em quando sobra uma gatinha”, p.29. Assim, por um lado o texto reforça a ideia de admiração do jovem narrador por outro jovem, mas também a relação tensa e violenta entre a juventude, tema central neste texto de Brasiliense.

Outro elemento revelado pela linguagem desse texto indicia sua relação com o espaço da *Comarca Pampeana*. A palavra “piás”, referindo-se a crianças menores situa o narrador adolescente em um espaço cultural do Rio Grande do Sul, afinal esse é um modo de nos referirmos às crianças.

“Robertão é um amigão. Não precisava era ter me batido daquele jeito só pra se exibir pras minas da oitava série”, p.29. Outra vez, percebemos o aumentativo tão

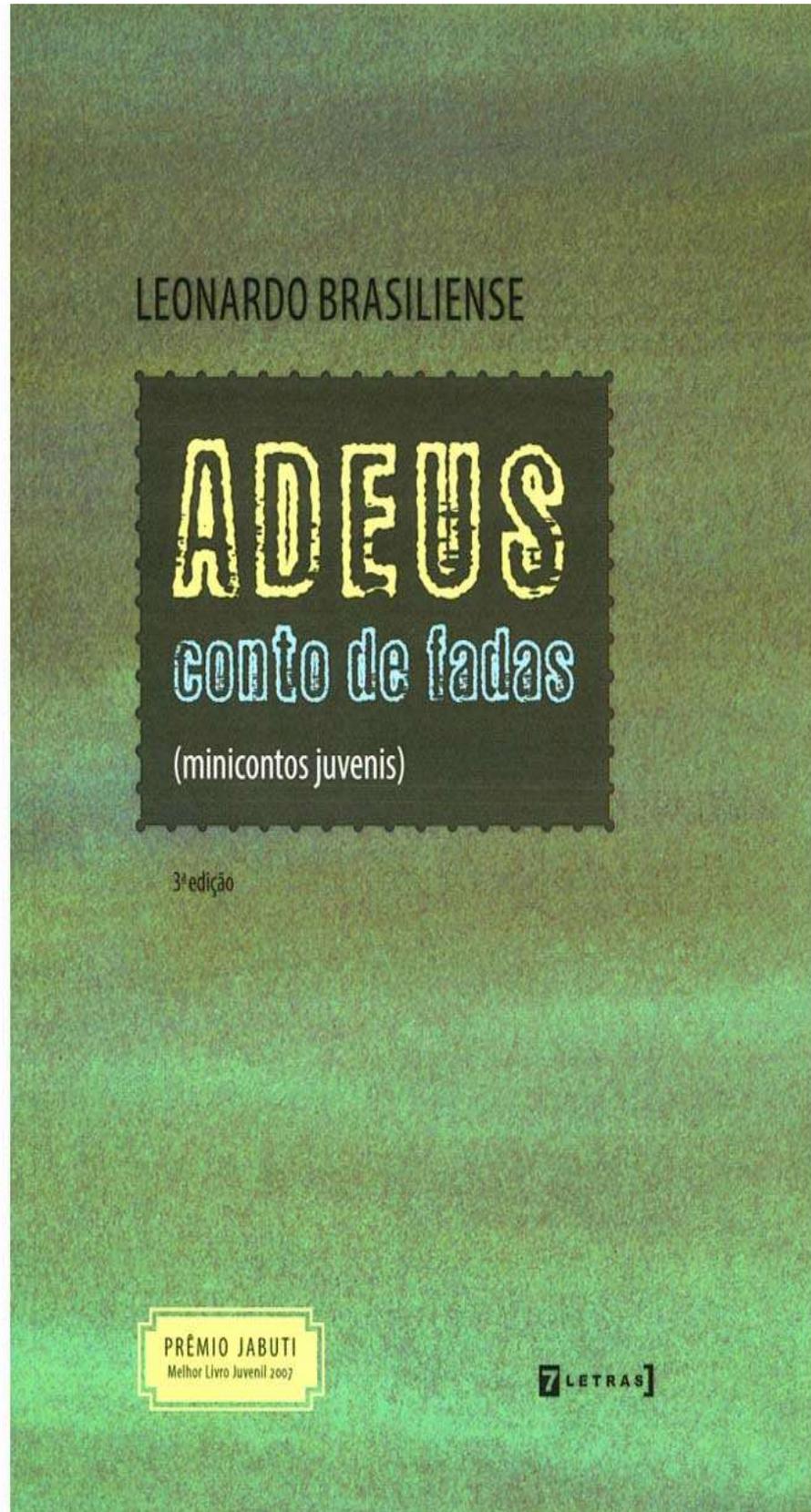
comum aos adolescentes, a expressão me batido que também é muito usada aqui no Rio Grande do Sul, e o adolescente quer boa posição no seu meio social, suporta até apanhar e não deixa de ser amigo só por status.

“O médico disse que o meu olho esquerdo não vai funcionar nunca mais”. Mesmo sabendo disso o adolescente não dá a ideia de desistir dessa “amizade”, relação que é baseada em interesses, em posição superior perante os outros, mesmo que isto lhe traga trágicas consequências.

Na última frase ele segue com a linguagem dos adolescentes: “Pô, Robertão, na próxima pega leve”, p.29. A expressão pô, que quer dizer poxa, ou para os gaúchos, traz o que o leitor não espera para um final, esperamos que ele termine com esta amizade, mas não, ele prefere seguir apanhando, mas tirando vantagens, como ser temido e pegar algumas meninas que sobram para ele.

Por todas estas características mencionadas anteriormente, concluímos que esta narrativa trata-se de um livro pertencente ao gênero literatura infanto-juvenil da região cultural da Comarca Pampeana, pela linguagem e voz do narrador.

Figura:



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos destacando a importância do acesso a livros de literatura infantil e infanto-juvenil nas escolas, pois eles têm um papel transformador, principalmente por sua função lúdica que desperta nas crianças e jovens e pela sensibilidade para outros saberes.

Para poder selecionar de modo mais adequado e desenvolver a interação dos jovens leitores com o texto, os professores precisam conhecer as principais características da literatura infantil e infanto-juvenil. Conforme exposto, tanto a linguagem verbal quanto a visual dos livros atuam nos significados e devem ser consideradas.

As imagens que o narrador e o eu poético despertam com suas palavras são também vinculadas ao espaço e ao tempo, portanto esse é um dos elementos a serem pensados no processo de seleção e leitura das obras selecionadas. As reflexões entre espaço e literatura desenvolvidas no trabalho procuraram mostrar isso.

Meu questionamento inicial sobre a existência de escritores do gênero em nossa região cultural foi respondida positivamente, ainda que, como estou no início de uma pesquisa, tenha apresentado um conjunto pequeno de escritores e obras produzidas na região.

Com a leitura de dois textos ficcionais voltados a diferentes faixas etárias e escritores, demonstrei a importância de considerarmos escritores dedicados a esse gênero literário em nossa região cultural, uma vez que as relações entre espaço e literatura têm importância nos significados abertos pela obra.

Ainda ressaltamos que devemos incentivar a leitura desde a primeira infância ainda que as crianças não saibam ler as palavras, pois o projeto gráfico e a ilustração, sobretudo, já carregam em si uma história e uma criança com sua imaginação irá seguir criando sua história.

Para finalizar destacamos que ler e estudar escritores da região da *Comarca Pampeana* é importante não só para promover os textos deles, mas, sobretudo, para que essa região cultural siga participando mais ativamente no circuito de repertórios

de leitura em nossas escolas não só locais, mas também em nível nacional e transnacional.

A partir desse trabalho desenvolvido pretendo aprofundar meus estudos, em alguma especialização ou mestrado, porque como trabalho em biblioteca escolar e pretendo atuar também como professora, entendi o quanto é importante desenvolver nossa capacidade de leitura para poder também desenvolver a das crianças e jovens e concluo que minha pesquisa obteve um resultado positivo que poderá servir de aporte para colegas interessados no assunto, além de valorizar os escritores de nossa região, ainda há muito a ser pesquisado e estudado, para obter um corpus de pesquisa maior e de mais qualidade. Porém encerro minhas considerações e espero ter contribuído para algum estudo sobre os gêneros estudados nesta monografia de final de curso.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Luis Alberto. Regimes de espacialidade na literatura brasileira contemporânea. In. DALCASTAGNÉ, Regina; AZEVEDO, Luciene. (Orgs.) *Espaços Possíveis na Literatura Brasileira Contemporânea*. Porto Alegre: Zouk, 2015, p. 55 - 66.
- BRASILIENSE JUNIOR, Leonardo da Silva. *Amizade, adeus conto de fadas*, Porto Alegre: 7letras, 2006.
- CAVÉQUIA, Márcia A. Paganini, *Breve panorama da literatura infantil e juvenil no Brasil*, São Paulo: Abrale, 2010.
- COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário*, São Paulo: Global, trad. SANDRONI, Laura. 2003
- CORONEL, Luiz. *Saturnino desce ao Pampa*, Porto Alegre, editora L PM, coleção Esquilo 2013;
- ECO, Umberto. O leitor modelo. In: _____. *Lector in fábula - a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. São Paulo: Perspectiva, 2004, 2ª. ed. 1ª. reimpressão, p. 35 a 49.
- GOULART, Cátia Dias. *Imaginários do Sul: pensamento crítico de fronteira e os avessos da Modernidade na ficção de Aldyr Garcia Schlee / Cátia Dias Goulart*. 230 p. Tese (Doutorado)— Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, DOUTORADO EM TEORIA DA LITERATURA, 2016.
- GREGORIN, José Nicolau Filho. *Literatura Infantil/Juvenil, Sociedade e Ensino*, São Paulo, 2011.
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *Um Brasil para crianças, para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e texto*, cap. II “A literatura infantil brasileira ao tempo do modernismo”, 3-ed., São Paulo: Global, 1988.
- PINA, Patrícia k. da Costa; MICHELLI, Regina Silva; GREGORIN, José Nicolau. *A literatura infantil hoje: múltiplos olhares, diversas leituras*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2011.

RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*. México: Sigloveintiuno editoriales, 1988.

RESENDE, Beatriz. A literatura brasileira na era da multiplicidade. In:_____. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008. p. 15-40.

RICOEUR, Paul. *TEORIA DA INTERPRETAÇÃO – O discurso e o excesso de significação*. Lisboa: Edições 70, 1976.

ROCCA, Pablo. Encruzilhadas e fronteiras da gauchesca (do Rio da Prata ao Rio Grande do Sul). In: MARTINS, M. Helena. *Fronteiras Culturais*. Porto Alegre: 2002, p.73-92.

SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bojunga, as reinações renovadas*, Rio de Janeiro: Agir,1987.

SCHLEE, Aldyr García. *Linguagem de Fronteira, Porto Alegre: revista Vox, ano4, nº7, 2014, p.22.*

_____. *Del texto a la acción. Ensayos de hermenêutica II*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica de Argentina, 2002.

TRINDADE, Liana Sálvia; LAPLANTINE, François. *O que é imaginário*. São Paulo: Brasiliense,1997.

ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil na Escola*. In:_____. *O Estatuto da Literatura Infantil*. 2. ed., São Paulo: Global, 2003.